



Alexandre Ferreira Velho

**Autobiografia Cultural e Performance de Identidade:
Uma leitura alternativa de *Autobiography of an Ex-Colored Man*
de James Weldon Johnson**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira
Co-Orientadora: Profa. Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani

Rio de Janeiro
Abril de 2015



Alexandre Ferreira Velho

**Autobiografia Cultural e Performance de Identidade:
Uma leitura alternativa de *Autobiography of an Ex-Colored Man*
de James Weldon Johnson**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani
Co-Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Rosana Kohl Bines
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Teresa Ferreira Bastos
UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial do Centro
de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Alexandre Ferreira Velho

Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas) pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), em 2012. Especializou-se em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo (*Lato Sensu*) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2013. Ingressou no curso de doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela mesma instituição, em 2015.

Ficha Catalográfica

Velho, Alexandre Ferreira

Autobiografia Cultural e Performance de Identidade: uma leitura alternativa de *The Autobiography of an Ex-Colored Man* de James Weldon Johnson / Alexandre Ferreira Velho ; orientadora: Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira. – 2015.

86 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Escritas de construção de se/ves. 3. Autobiografia. 4. Autobiografia Cultural. 5. Performance de Identidade. 6. James Weldon Johnson. 7. *The Autobiography of an Ex-Colored Man*. 8. Autobiografia de um Ex-Negro. I. Olinto, Heidrun Krieger. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Agradecimentos

Listar agradecimentos é uma tarefa difícil, todos que cruzam seu caminho, de certa forma, colaboram com você. Há, porém, aqueles que, institucionalmente e pessoalmente, agradecemos não por obrigação da ocasião, mas por prazer.

Antes de tudo, agradeço e agradecerei, sempre, a Gisa, Daniel, Thiago, Fábio e Franciele, meus pais e meus irmãos, meus primeiros amigos e incentivadores, pelo prazer em ser amado e admirado todos os dias, apesar da distância físico-espacial. Tenho cada um de vocês aqui comigo e esta pesquisa também é de vocês.

Agradeço feliz a Juarez Passos, amigo que me recebeu no Rio e me incentivou, colaborando de todas as maneiras, para a realização deste mestrado.

Agradeço à CAPES, pela bolsa concedida nesses dois anos, e à PUC-Rio, pela bolsa de isenção, que possibilitaram a realização desta pesquisa.

À minha orientadora e à minha co-orientadora, que juntas desenvolvem um belo trabalho, calcado no respeito e na seriedade acadêmica e intelectual. A Heidrun Krieger Olinto, por todos os conselhos e os incentivos dados no decorrer desta pesquisa. A Daniela Beccaccia Versiani, por sua paciência, seu encorajamento e orientação em todos os momentos de elaboração deste trabalho. Sem o apoio e a dedicação de vocês esta jornada seria mais árdua.

Agradeço aos professores, os quais tive a oportunidade de conhecer e com os quais tive o privilégio de estabelecer uma relação fraterna e intelectual. Julio Diniz, Vera Follain, Rosana Kohl Bines, Mariana Simoni, Alexandre Montuary, obrigado pelas calorosas discussões e pelas palavras de incentivo.

Quero agradecer também aos membros da banca, pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a feitura deste trabalho: Rosana Kohl Bines, leitora das primeiras tentativas da constituição deste objeto de pesquisa, quando eu ainda

estava na disciplina de elaboração de projetos; Maria Teresa Bastos Ferreira, que participou da minha qualificação e me incentivou a buscar caminhos, que tento apresentar neste trabalho.

Ainda no campo afetivo, quero agradecer aos colegas do mestrado, em especial àqueles que na disciplina de Seminário de Formulação de Projeto foram interlocutores primordiais para o modo de pensar, que desenvolvo nesta pesquisa. Adriana Frant, Haroldo Garcia, Larissa Andrioli, Leonardo Villa-Forte, Natália Francis, Patrícia Steinthal, Ricardo Hofstetter, Santiago Navarro levarei muito de vocês por essas grandes veredas acadêmicas.

A amiga Beatriz Castanheira, pela amizade e conversas inspiradoras.

Agradeço também aos funcionários do Departamento de Letras que, em muitos momentos, me foram solícitos e atenciosos. Obrigado Danielle Cruz e Chiquinha, pelos seus trabalhos prestados.

E a todos que não citei aqui, mas estão no coração, obrigado!

Resumo

Velho, Alexandre Ferreira; Olinto, Heidrun Krieger Olinto. **Autobiografia cultural e performance de identidade: uma leitura alternativa de *The Autobiography of an Ex-Colored Man* de James Weldon Johnson**. Rio de Janeiro, 2015. 86p. Dissertação de mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Diante do atual interesse pelas escritas de construção de *selves*, haja vista a proliferação de suas manifestações e incessante processo de reinvenção, discutimos nesta dissertação o romance *The Autobiography of an Ex-colored Man* de James Weldon Johnson, lançado anonimamente em 1912. Partindo da descrição das estratégias autobiográficas nele adotadas, evidenciamos seu caráter camaleônico e performático, tanto na construção da narrativa, quanto na vivência identitária do narrador-personagem. Nessa perspectiva, elucidamos como o procedimento literário adotado por Johnson deixa entrever também uma dimensão de crítica política e cultural. A partir disso, apresentamos uma leitura alternativa da obra através da conceituação do termo “autobiografia cultural”. Para tanto, refletimos sobre as categorias já existentes relativas ao espaço autobiográfico, mostrando seus limites e possibilidades: de um lado, discutimos suas insuficiências para pensar o romance; de outro, mostramos até que ponto corroboram a proposição do conceito alternativo, que aqui sugerido: o termo “autobiografia cultural”.

Palavras-chave

Escritas de construção de *selves*; autobiografia; autobiografia cultural; performance de identidade; James Weldon Johnson; *The Autobiography of an Ex-colored man*; Autobiografia de um Ex-Negro.

Abstract

Velho, Alexandre Ferreira; Olinto, Heidrun Krieger Olinto (Advisor). **Cultural autobiography and identity performance: an alternative reading of *The Autobiography of an Ex-Colored Man* of James Weldon Johnson** Rio de Janeiro, 2015. 86p. MSc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Given the current interest in the writings of themselves construction, due to the proliferation of its manifestations which are in constant reinvention process, we discuss in this dissertation the novel *The Autobiography of an Ex-Colored Man* written by James Weldon Johnson, issued anonymously in 1912. From the description of the autobiography strategies adopted in it, we show it's chameleonic and performative character, both in narrative construction and identity experience of the narrator-character. In this perspective, we elucidate how Johnson's literary procedure suggests a dimension of political and cultural criticism. From this moment, we present an alternative reading of the book through the definition of the term "cultural autobiography". Therefore, we reflect on the categories of autobiographical space, highlighting theirs limits and possibilities – on one hand, we discuss theirs insufficient to think of the novel; on the other hand, we show to what extent they corroborate to define the alternative concept that it is suggest here: the term "cultural autobiography".

Keywords

Writtings of themselves construction; autobiography; cultural autobiography; identity performance; James Weldon Johnson; *The Autobiography of an Ex-colored man*.

Sumário

Introdução	10
1. <i>Autobiografia de um Ex-Negro</i> : uma escrita camaleônica	14
1.1. 1912 – uma autobiografia anônima	15
1.2. 1927-1933 – reconhecimento autoral	20
1.3. 201? – eu leitor de <i>Autobiografia de um Ex-Negro</i>	23
2. Performance identitária no romance <i>Autobiografia de um Ex-Negro</i>	39
2.1. Múltiplas identificações em <i>Autobiografia de um Ex-Negro</i>	41
2.2. Dramatização de si em <i>Autobiografia de um Ex-Negro</i>	50
2.3. “Raça, o significante flutuante”	56
3. “Autobiografia Cultural”: um conceito alternativo	60
3.1. Autoetnografias – um caminho para conceituar “autobiografia cultural”	61
3.2. A cultura americana sob os olhos de uma identidade migrante	70
Considerações finais	78
Referências Bibliográficas	82

Lista de figura

Figura 1- A trajetória do “ex-negro”

71

Introdução

Esta dissertação busca oferecer uma leitura alternativa do romance *The Autobiography of an Ex-Colored Man*¹ de James Weldon Johnson em uma perspectiva que considera tanto a questão da identidade, quanto a questão dos gêneros de modo complexo, processual e não dicotômico.

Meus interesses pelo romance e por alternativas teóricas, que possibilitassem tal leitura alternativa, surgiu do exercício crítico realizado pelo professor da disciplina *Literatura Americana: Século XX e XXI*, quando eu ainda estava na graduação em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Literaturas), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Naquela ocasião, o romance foi apresentado como um retrato sociológico tradicional do negro norte-americano, após os anos da Guerra de Secessão, momento no qual as discussões sobre a questão racial estavam em plena ebulição, nos Estados Unidos. Desconfiado dessa abordagem, que encarava o romance como representação fidedigna da situação do negro naquele contexto, me interessei em pensá-lo de modo alternativo e complexo. Interesse que me levou à pós-graduação.

Autobiografia de um Ex-Negro foi lançada anonimamente no ano de 1912. Tendo como pano de fundo a situação dos Estados Unidos descrita anteriormente, o romance narra a jornada de um homem – o narrador-personagem – pelos meandros da segregação racial, que dividiam categoricamente os espaços de brancos e de negros. Na busca pela construção de sua própria identidade, e nadando contra a corrente de uma cultura, que não reconhecia mais que a cor da pele, o narrador anônimo relata seu processo de “migração” e descoberta: de Jacksonville, onde trabalhara numa fábrica de charutos, ao submundo nova-iorquino, marcado pela sua aventura em mesas de jogos; da periferia de Atlanta à vivência entre rodas aristocratas na Europa; da vivência dos cantos religiosos *Spirituals*, no interior sul dos Estados Unidos, à descoberta do jazz e do ragtime nos clubes noturnos de Nova

¹ A partir daqui, passo a me referir ao romance de James Weldon Johnson utilizando o título para a sua tradução no Brasil *Autobiografia de um Ex-Negro*. A tradução realizada por Robertson Frizero foi publicada em 2010 pela Editora 8Inverso.

lorque; da experiência de presenciar a cremação de um negro, ao casamento e constituição de família com uma mulher branca.

Enredado por esses trânsitos entre mundos *experenciados* pelo narrador-personagem, este trabalho propõe um diálogo entre as investigações sobre o multiculturalismo e os estudos sobre as formas narrativas de construção de *selves*. Meu intuito é atualizar as discussões suscitadas pelo romance de Johnson, após mais de cem anos de sua primeira publicação e sua “recente” tradução no Brasil². Neste percurso, ao explorar essa produção artística, lançada por um escritor das ditas vozes das “margens”, não tenho como objetivo investigar o romance como uma manifestação de resposta ao “centro” (o qual por muito tempo silenciou tais vozes), ou como mero questionador da ordem ocidental do cânone; mais que isso, encaro tal produção, em suas dimensões estética e crítica, como força de discussão de problemáticas ainda caras ao debate contemporâneo.

As disciplinas cursadas nos dois anos de mestrado intensificaram o meu interesse pelo romance: o contato com questionamentos e teorias relacionados a uma ampliação dos limites do literário, além do questionamento de categorias tradicionalmente consideradas universais, vieram corroborar o fortalecimento do olhar, que empreendo sobre o livro de James Weldon Johnson.

Como temática, podemos dizer que esta dissertação é sobre o que muito já foi debatido e o que ainda precisa ser discutido a respeito do conceito de autobiografia. O muito que já se disse, refere-se a uma vasta gama teórica sobre a problemática desse gênero, que tem aquecido debates dentro do campo da literatura, há muitos anos. O que ainda precisa ser dito, escreve-se entre as frestas abertas pelos desdobramentos suscitados pela proliferação de novas e instigantes manifestações de escritas de construção de *selves*, que refletem sobre as (im)possibilidades do fazer autobiográfico.

Nestas reflexões, também busco discutir o conceito de identidade, uma das categorias problematizadas no amplo debate atual da escrita autobiográfica. Essa categoria foi apresentada por uma tradição filosófica, de maneira essencialista, como uma instância única, fixa e estável. Uma gama de novos pressupostos teóricos, sobre os quais os Estudos Culturais exercem uma força preponderante,

² Optei por utilizar a tradução brasileira como fonte para a tomada de trechos importantes do romance, para a discussão. Assim, todas as citações incluídas no presente debate são extraídas da tradução de Frizero e informadas seguindo a data da publicação, no Brasil.

buscam encarar o conceito de identidade, a partir de perspectivas que a problematizam, por vezes, propondo abordagens que enfatizam sua dimensão processual, cultural, política e estética.

Em outras palavras, esta dissertação é sobre o fazer autobiográfico e o caráter construtivo, performático e complexo de identidade no romance *Autobiografia de um Ex-Negro*. Ou seja, a dissertação é uma leitura do romance de Johnson, que destaca sua construção narrativa camaleônica e sua performatização identitária, por meio de uma estratégia de leitura alternativa, calcada na proposição da noção de “autobiografia cultural”.

Essas temáticas são discutidas ao longo dos três capítulos que constituem a dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado “*Autobiografia de um Ex-Negro*: uma escrita camaleônica” elaborei um mapeamento de categorias relativas às escritas de construção de *selves*. Partindo do texto fundador do gênero autobiográfico, *O pacto autobiográfico*, escrito pelo teórico francês Phillipe Lejeune (2008), discuto a insuficiência dessas categorias para pensar o romance. Por outro lado, numa relação paradoxal, proponho o aproveitamento dessas mesmas categorias, para pensar o caráter camaleônico narrativo do romance, e o entre-lugar em que tal processo narrativo ocorre: entre identidades e entre gêneros.

O segundo capítulo tem como título “Performance identitária no romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, de James Weldon Johnson”. Nesse capítulo me detenho sobre o conceito de identidade. Desloco o olhar de uma perspectiva que compreende identidades, enquanto fixa e essencial, para uma perspectiva que compreende identidades, enquanto fluidas e plurais. Ao apresentar o caráter dual do narrador-personagem, complexifico a discussão relacionando o conceito de identidade ao conceito de performance. O teórico jamaicano dos Estudos Culturais, Stuart Hall, assume papel importante nesse capítulo, tanto pelas suas conceituações sobre identidade desenvolvidas no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), quanto pelo seu debate sobre a questão racial no ensaio *Raça, o significante flutuante* (2014).

Sob o título de “Autobiografia Cultural: um conceito alternativo”, proponho no último capítulo da dissertação, uma leitura teórico-crítica das especificidades do ato autobiográfico de James Weldon Johnson, através do que chamamos nesta pesquisa de “autobiografia cultural”. O caminho que sigo, percorre uma

aproximação com o conceito de autoetnografia, desenvolvido pela teórica da literatura Daniela Beccaccia Versiani (2005). A partir desse ponto apresento o conceito de “autobiografia cultural”, entendido como uma hibridização de gêneros, que evidencia a pluralidade de vozes testemunhais, incorporadas e problematizadas identitariamente pelo narrador-personagem do romance.

Autobiografia de um Ex-Negro: uma escrita camaleônica

Durante muito tempo, os estudos de literatura tiveram a segregação dos gêneros literários justificada por uma lógica de solidez e estagnação. Dessa forma, o que se operava sobre os gêneros literários era uma prática de policiamento e regulação, que visava a definir categoricamente o que era pertencente a um gênero, e o que, em oposição, não era caracteristicamente possível de ser inserido em outro. Tal lógica agiu também (e para alguns críticos ainda age) sobre a divisão das áreas de conhecimento, no que se refere ao que cada ciência teria sob seu domínio e sua atuação, configurando a vasta divisão disciplinar que, ainda hoje, permeia o mundo acadêmico. O sistema de segregação racial é outro exemplo de organização e classificação, que vê o mundo sob essa mesma lógica, calcada em uma suposta “pureza” de grupos humanos. Nesse modo de se classificar indivíduos, existiriam, em primeira instância, os brancos e os negros. Ou dito de outra forma, os europeus e os africanos.

Teorias contemporâneas da literatura e da cultura têm desempenhado o papel de romper com essa “lei”, ou modo de classificação de obras literárias, que gerou a categorização dos gêneros literários. Elas procuram enxergar tal fenômeno de uma maneira complexa, assegurando o caráter fluido e intercambiável existente entre os gêneros. Nesse caminho, elas abandonam a “lei de segregação e de pureza”, como sistema de entendimento dos gêneros, e passam a destacar os gestos de contaminação e de impureza, dos quais os gêneros são constituídos. Dentro dessa nova perspectiva, os estudos literários e culturais têm voltado seu olhar para textos que, construídos a partir de um viés de impureza e contaminação formal, visam desconstruir os sistemas de categorização, que tentam contê-los. (Novas perspectivas, como aquelas que se baseiam na noção de *arte e escrita expandidas*, trabalham de certo modo sob esse viés).

Autobiografia de um Ex-Negro, de James Weldon Johnson, é tomada neste trabalho, e neste capítulo mais especificamente, como um exemplo de como um texto pode subversivamente escapar às regras de segregação, que buscam contê-lo,

por uma estratégia de hibridismo formal, isto é, de construção camaleônica da narrativa. Esta obra, que também desafia as fronteiras entre realidade, referencialidade e ficção, se apresenta como uma confissão autobiográfica, que deixa entrever fragmentos de memórias, escrita etnográfica e cultural. Forma híbrida, num entre-lugar, a instabilidade genérica do texto de Johnson não representa uma falha, mas uma forma de ação política de resistir ao policiamento genérico, conforme discutiremos neste capítulo, e identitário, apresentado no capítulo seguinte.

Os três subitens em que divido o capítulo são a tentativa de apresentar três leituras possíveis do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, em momentos históricos diferentes. Os dois primeiros constituem-se de um ensaio de resgate, de como se teria dado a recepção do livro em três momentos: sua publicação, em 1912; sua republicação, em 1927; e o lançamento da autobiografia *Along this Way* de James Weldon Johnson, em 1933. Na última leitura desenvolvo o meu olhar sobre o caráter formal camaleônico, em outras palavras, sobre o entre-lugar ocupado por essa narrativa. Os três subitens poderiam, ainda, ser colocados abaixo de um subtítulo maior: “Construindo e desconstruindo o pacto autobiográfico”, já que no primeiro momento, exponho como o prefácio, para a primeira edição, opera na tentativa de assegurar um contrato de autenticidade, entre o narrado pelo narrador-personagem e o leitor. Por fim, baseando-me em teorias sobre a escrita de construção de *selves*, exponho a impossibilidade de se firmar tal pacto, destacando um modo de ler, que tem por objetivo destacar a complexidade formal do romance.

1.1

1912 – uma autobiografia anônima

O livro *Autobiografia de um Ex-Negro*, de James Weldon Johnson, foi lançado no ano 1912, pela pequena casa editorial nova-iorquina *Sherman, French and Co*. Essa época é tida pelos manuais de história americana como o momento de maior hostilidade contra os afro-americanos, no período da lei Jim Crow, de

segregação racial. Publicado anonimamente, Johnson nos apresenta nesse romance um protagonista sem nome: um homem idoso de múltiplas identificações que conta a sua história desde a infância, quando descobre que é considerado identitariamente negro, apesar de sua pele branca, até o momento em que é levado a escolher a situação de *passing*, como opção de vida.

A expressão *passing*, em tradução literal do inglês, significa passar, refere-se a ter sua aparência – ou fenótipo – lida de outra forma, como é o caso do personagem que, apesar de negro, pode ser entendido como branco pelos outros. Nesse trajeto narrativo, nós leitores somos levados a acompanhar o narrador-personagem, um talentoso e escolarizado músico, pelos diversos cenários que marcavam a questão racial norte-americana após a Guerra de Secessão – das ruas e bares de Nova Iorque, às universidades para negros na Geórgia; da vida dos negros no meio rural, no Sul do país, à sofisticação e liberdade falseada dos imigrantes estadunidenses na Europa.

O discurso autobiográfico foi a grande forma de predileção de escrita dos primeiros autores afro-americanos nos Estados Unidos. Comumente chamadas de narrativas da escravidão, ensaios sociológicos de negros, e autobiografias de negros, essas obras são calcadas nos testemunhos pessoais de ex-escravos, interessados em relatar e denunciar o horror que envolvia tal prática naquele país. Destacam-se nesse contexto a autobiografia de Frederick Douglass, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* [Narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano] publicada em 1845, e o relato autobiográfico de Booker T. Washington, *Up from Slavery* [Como saí da escravidão], lançado em 1901. Esses relatos de vida, muito interessados na luta pela construção de uma identidade afro-americana – o que historicamente se complexificaria na ação em prol dos direitos civis dos afro-americanos, pela National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) –, ajudaram no despertar de um sentimento de coletividade, uma vez que, enredados pelo sofrimento vivenciado e compartilhado na escravidão, mostravam o poder de libertação e de superação de seus personagens-autores. Nesse sentido, os nomes de Frederick Douglass e Booker T. Washington (além de outros), foram tomados como heróis, exemplos a serem seguidos e representantes fidedignos da história dos afro-americanos, no processo escravocrata americano.

Se Douglass e Washington são nomes aclamados e considerados exemplares “autênticos” para a “comunidade” afro-americana, por suas histórias marcadas, não só pela fuga de seus senhores, mas pela conquista da escolaridade e da capacidade de escrever e denunciar seus sofrimentos, com suas próprias palavras. Vale, então, indagar sobre a recepção, isto é, sobre os leitores e as possibilidades de leituras, por eles oferecidas ao romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, na ocasião de sua publicação, em 1912. É importante recordar, que a obra não apresentava nome de autor/personagem explicitados na capa, ou no interior do livro.

Em termos numéricos, não existem muitas informações disponíveis sobre a primeira publicação de *Autobiografia de um Ex-Negro*. É possível afirmar que poucos exemplares foram vendidos, de modo que a primeira recepção da obra foi pouco calorosa e esse relato passou quase “despercebido” durante os quinze anos seguintes, até a sua republicação em 1927. Uma hipótese para explicar essa relativa invisibilidade, relaciona-se à decisão de não se revelar a autoria da obra. Isso permitiu que os editores de sua primeira edição, através do texto de prefácio, gerassem uma desconfiança entre seu possível público leitor. Vale explicitar que, como salienta James Weldon Johnson em sua autobiografia *Along this Way*, os próprios editores não o conheciam e poderiam eles mesmos estar intrigados e confusos com o relato que tinham em mãos: “Only two or three people knew that I was the writer of the story – the publishers themselves never knew me personally.” (JOHNSON, 1990, p. 239)³. Assim, em um prefácio de tom misterioso, eles buscaram reforçar o tom intimista e autêntico do relato testemunhal, descrito em *Autobiografia de um Ex-Negro*, como se pode observar no trecho a seguir:

Este vívido e novo relato das condições nas quais se desenvolve a questão racial nos Estados Unidos da América não faz qualquer clamor em especial a favor do negro, mas mostra de forma isenta de paixões, ainda que simpática, os modos de convivência entre brancos e negros nos dias de hoje. Discursos calorosos, contra e a favor do negro, têm sido feitos em centenas de livros, mas nessas obras retratam tanto as virtudes quanto os seus vícios de modo exagerado. Isso ocorre porque os escritores, em quase todas as instâncias, têm tratado o negro americano como um grupo: cada um tem tomado um ou outro conjunto de indivíduos dentro da raça para provar suas teorias. Nunca antes havia sido feita uma apresentação tão proporcionalmente composta de toda a raça, abarcando seus vários grupos e

³Apenas duas ou três pessoas sabiam que eu era o escritor da história – os próprios editores nunca me conheceram pessoalmente. (tradução minha)

elementos, apresentando suas relações entre si e com os brancos. (Autobiografia de um Ex-Negro, 2010, p.182-183)⁴

O prefácio, como apresentado pela teoria de Gerard Genette (1991), é uma forma de paratexto que, vindo anteriormente ao material próprio do texto, tem como função sugerir ao leitor caminhos interpretativos possíveis. Apesar de não ser parte constituinte da obra, uma vez que, com a publicação de novas edições, outros textos podem ser anexados, o prefácio comumente é tido como uma informação confiável sobre o texto. Observando o corte do prefácio acima, nota-se nas palavras dos editores, que eles próprios tomaram o relato apresentado por James Weldon Johnson como um fato verídico, isento de ironias e de críticas ao momento histórico e à sociedade americana. Os editores atuam, assim, como norteadores interpretativos, levando o público a ler a *Autobiografia de um Ex-Negro* como um relato autêntico, de uma testemunha confiável, representativa e privilegiada, que revela segredos da vida do negro norte-americano. Mas o leitor poderia acabar traído ao perceber o jogo irônico e crítico da forma camaleônica assumida, tanto na narrativa, quanto na apresentação identitária do narrador-personagem propostos pelo autor. Tal percepção colocaria a autenticidade advogada pelos editores em xeque, isto é, não concretizaria o pacto/contrato que deve haver, para que um relato confessional seja tomado como verdadeiro.

Ainda lendo o prefácio para a primeira edição, é interessante notar que os editores direcionam seu texto para um público leitor branco. Eles argumentam que os negros tinham uma ideia razoavelmente correta do que os brancos pensavam deles, já que isso tinha sido, e ainda era explicitado há muito tempo. Os brancos, por sua vez, tinham poucas informações sobre os negros, já que eles eram “mais ou menos como esfinges” (Autobiografia de um Ex-Negro, 2010, p.183). Assim os editores destacam que “nessas páginas, é como se um véu houvesse sido descortinado: ao leitor é apresentado a vida do negro na América a partir de um olhar interno à questão” (Autobiografia de um Ex-Negro, 2010, p.183).

Para além da ausência de um autor declarado, proponho aqui uma outra possível justificativa para a pequena recepção da obra de Johnson, no período compreendido entre a primeira e a segunda publicação, entre 1912 e 1927. Essa

⁴O trecho faz uso do conceito de raça numa concepção que será questionada no capítulo 2 desta dissertação, quando abordo conceituações diferentes de identidade.

justificativa pode estar relacionada à temática da obra. Como dito anteriormente, o romance retrata a história de um narrador-personagem, que escolheu o *passing* como opção de vida, ou seja, um personagem que escolhe em diversas circunstâncias não anunciar a sua ascendência negra, para melhor conviver em sociedade. É necessário destacar que, nos Estados Unidos, a percepção de raça sempre esteve mais ligada à origem, que às características fenotípicas e, por isso, o *passing* era uma atitude condenada tanto pelos brancos, que se sentiam agredidos ao verem as fronteiras da segregação serem desrespeitadas e invadidas, quanto pelos próprios negros, que enxergavam nessa situação uma forma de traição às origens. Diante disso, podemos sugerir que ambos os lados da recepção (se formos considerar apenas os indivíduos envolvidos nessa questão do *passing*) não reagiram bem ao livro. Os leitores brancos sentiam-se ofendidos com o livro, por retratar sem pudor uma prática considerada criminosa. Por outro lado, os leitores negros enxergavam o livro como um desfavor num momento de luta (simbólica e física) pelos direitos civis dos afro-americanos, ao retratar um personagem que recusa sua origem negra. Voltando ao prefácio, àquela primeira edição, os editores deixavam explícita essa questão:

Essas páginas também revelam o fato insuspeitado de que o preconceito contra o negro exerce tal pressão que, em Nova Iorque e outras grandes cidades nas quais há esta possibilidade, está levando um número impreciso de pessoas de cor com pele clara a se inserirem na raça branca. (Autobiografia de um Ex-Negro, 2010, p.183)

Temos, portanto, duas hipóteses explicativas para a quase inexistente recepção de *Autobiografia de um Ex-Negro*. De um lado, a ausência de nome de autor e a construção camaleônica formal do romance e identitária do narrador personagem, que teria prejudicado a sustentação de uma escrita autêntica, se comparada às autobiografias afro-americanas exemplares de Frederick Douglass e Booker T. Washington. Do outro lado, a temática de um personagem que prefere viver se passando por uma identificação, que nos contornos raciais, então defendidos e praticados nos Estados Unidos, não era aceitável.

1.2

1927-1933 – reconhecimento autoral

A segunda edição do livro *Autobiografia de um Ex-Negro* é lançada em 1927, trazendo dessa vez os devidos créditos de autoria dados a James Weldon Johnson. A esta altura de sua vida, quinze anos após a edição anônima do romance, Johnson já era um autor conhecido e aclamado por sua poesia e seu trabalho, com salmos religiosos e folclóricos da tradição afro-americana. O ano de seu relançamento acontece em meio ao movimento nova-iorquino Harlem Reinassance, que estava em plena ebulição. A Renascença do Harlem, na tradução para o português, foi um movimento político, cultural, artístico e musical, geralmente situado por críticos e historiadores, entre as décadas de 1920 e 1930. Tratou-se de um movimento significativo, pois procurou refundar e recuperar as tradições e o legado da cultura afro-americana, tão desconsiderados até então.

A partir desse momento, tudo o que se referia à cultura afro-americana, passou a ser revisto, reconsiderado e revalorizado. O movimento exerceu grande influência na ascensão e aceitação do Jazz, do Blues e do Ragtime (modos de expressão musical preferidos pelos negros), além de ter impulsionado a literatura afro-americana a se institucionalizar no cânone americano, deixando de ser vista como uma literatura de gueto. O aspecto histórico e político foi também revisto, o que contribuiu para a anulação, pelo menos parcial, da carga negativa reservada para os afro-americanos nos séculos e décadas anteriores, principalmente o período conhecido como Reconstrução, que envolve o fim da Guerra Civil em 1865, e o final do século XIX, período em que, vale lembrar, se passa a história do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*.

Nesse contexto, a obra obteve uma segunda recepção, expressiva e favorável, pois operava sobre a reconfiguração de um novo momento histórico americano.

Aos mais próximos do escritor James Weldon Johnson e aos que o conheciam por outros escritos, ficou claro que a história trazida em *Autobiografia de um Ex-Negro* não era especificamente a sua autobiografia, uma vez que, além de suas aparências fisionômicas (James Weldon Johnson era negro), ele não vivia na

condição condenável do *passing*. Contudo, para os demais leitores, era possível, e talvez inevitável, a aproximação da história narrada com o nome do autor expresso na capa.

Em 1933, é lançada *Along This Way*, sua “verdadeira” autobiografia. Nela, Johnson afirma que aquela narrativa, apesar do que sugere o título e dos muitos fatos tomados da sua própria vivência, não era sua autobiografia.

When the book was republished, I affixed my name to it, and Carl Van Vechten was good enough to write an Introduction, and in it to inform the reader that the story was not the story of my life. Nevertheless, I continue to receive letters from persons who have read the book inquiring about this or that phase of my life as told in it. (JOHNSON, 1990, p. 239)⁵

É interessante observar como, apesar do que fora evidenciado na introdução da republicação de *Autobiografia de um Ex-Negro*, algumas pessoas receberam e fizeram a leitura do romance. Quando James Weldon Johnson afirma, em *Along This Way*, que recebera cartas pedindo informações sobre as fases de “sua” vida, narradas no romance, deixa entrever a noção de autobiografia, que grande parte do público leitor tinha na época; uma noção pautada na suposição de uma estreita ligação entre o nome do autor, expresso na capa, o narrador-personagem e a história por ele narrada. Tal noção assemelha-se ao conceito de pacto autobiográfico, defendido pelo teórico francês Phillipe Lejeune, e nos leva a pensar sobre os efeitos dela, para a recepção do livro (tratarei disso mais adiante).

Retorno às afirmativas de James Weldon Johnson sobre o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* que encontramos em *Along This Way*. Johnson conta que a história se desenvolvia em sua mente mais rápido do que sua velocidade de escrita (JOHNSON, 1990, p.238). Ele também apresenta sua reflexão, sobre o fato dela ter sido publicada de forma anônima, bem como da escolha do título:

I turned over in my mind again and again my original idea of making the book anonymous. I also debate with myself the aptness of *The Autobiography of an Ex-Colored Man* as a title. Brander Matthews had expressed a liking for the title, but my brother had thought it was clumsy and too long; he suggested *The Chamaleon*.

⁵ Quando o livro foi republicado, meu nome foi estampado na capa, e Carl Van Vechten foi suficientemente bom ao escrever a Introdução, e nela informar o leitor que a história não era a história da minha vida. Entretanto, eu continuo a receber cartas de pessoas que leram o livro inquerindo sobre esta ou aquela fase da minha vida como contadas no livro. (*tradução minha*)

In the end, I stuck to the original idea of issuing the book without the author's name, and kept the title that had appealed to me first. (JOHNSON, 1990, p. 238)⁶

Seguindo suas ponderações, em torno da primeira publicação de *Autobiografia de um Ex-Negro*, Johnson assume-se em dúvida sobre a sagacidade ou não da atitude, que havia tomado, uma vez que

When I chose the title, it was without the slightest doubt that its meaning would be perfectly clear to anyone; there were people, however, to whom, it proved confusing. When the book was published (1912) most of the reviewers, though there were some doubters, accepted it as a human document. This was a tribute to the writing, for I had done the book with the intention of its being so taken. (JOHNSON, 1990, p. 238)⁷

Por fim, o autor declara o prazer adquirido com o anonimato, principalmente, pelas especulações sobre quem poderia ser o autor entre grupos de homens negros, que haviam se casado com mulheres brancas e viviam uma vida se passando como brancos.

I had the experience of listening to some of these discussions. I had a rarer experience, that of being introduced to and talking with one man who tacitly admitted to those present that he was the author of the book. (JOHNSON, 1990, p. 238-239)⁸

⁶Mantive em minha mente por vários e vários momentos minha ideia original de publicar o livro anonimamente. Eu também debatia comigo mesmo a pertinência de *The Autobiography of an Ex-Colored Man* como o título. Brander Matthews havia expressado certo gosto pelo título, mas meu irmão o achava desajeitado e muito longo; ele me sugeriu *The Chameleon*. No fim, eu aderi à ideia original de publicar o livro sem o nome do autor, e mantive o título que havia me chamado a atenção primeiro. (tradução minha)

⁷ Quando eu escolhi o título, foi sem a menor dúvida que o seu significado seria perfeitamente claro para qualquer um; houve algumas pessoas, entretanto, para as quais ele provocou confusão. Quando o livro foi publicado (1912) muitos dos críticos, embora houvesse alguns que duvidassem, aceitaram-no como um documento humano autêntico. Isto foi um tributo à escrita, pois eu tinha feito o livro com a intensão de que ele fosse assim tomado. (tradução minha)

⁸ Eu tive a experiência de ouvir algumas dessas discussões. Eu tive a rara experiência de ter sido apresentado a e falado com um homem que admitia tacitamente para aqueles que estavam presentes que ele era o autor do livro. (tradução minha)

1.3

201? – eu leitor de *Autobiografia de um Ex-Negro*

Como explicitado anteriormente, o romance *The Autobiography of an Ex-Colored Man* foi traduzido no Brasil no ano de 2010, por Robertson Frizero e publicado pela editora Porto-alegrense 8Inverso. Foi em contato com essa tradução, ainda na minha graduação, que surgiu meu interesse em discuti-la sob um viés, que questionasse as escritas de construção de *selves* e o processo de construção do *self*, nesse romance especificamente.

No romance de James Weldon Johnson, um narrador afro-americano conta, em primeira pessoa e em tom confessional e memorialístico, o desenrolar de sua vida depois da Guerra de Secessão, nos Estados Unidos. Uma vida perpassada pelas dificuldades causadas pela sua cor de pele, levemente clara, o que lhe deixaria passar por um branco, mas atravessada pelos problemas de ser filho de uma mãe negra. Refletindo sobre sua empreitada, o narrador escreve no primeiro parágrafo:

Eu sei – estou brincando com fogo, e sinto a mesma excitação dos passatempos mais fascinantes. Creio, sobretudo, ter encontrado uma espécie de desejo selvagem e diabólico de reunir todas as pequenas tragédias de minha vida e com elas pregar uma peça na sociedade. (JOHNSON, 2010, p.7).

O anseio de “pregar uma grande peça na sociedade” permeia toda a construção narrativa. Nela também podemos sentir reverberar um comentário político do autor à hipocrisia da sociedade americana da época, que fingia não ver o quanto suas leis raciais eram absurdas e estruturadas sobre uma série de problemas.

Essa obra nos permite perceber a problemática, que envolve o ato autobiográfico do romance, marcado pela performatização identitária do narrador-personagem, que lhe permite transitar entre os universos negro e branco, traçando e, sutilmente, criticando visões de mundo contrastantes sobre a questão racial norte-americana, no final do século XIX e início do século XX.

Penso que, mesmo hoje, seja impossível estabelecer uma discussão sobre a questão autobiográfica, sem fazer referência aos pressupostos teóricos levantados

pelo pesquisador francês Philippe Lejeune. Foi a atividade crítica desse teórico que deu à autobiografia status de gênero merecedor de estudo. O debate teórico-crítico, sobre o assunto, cresceu em um momento posterior às proposições do teórico francês, empreendendo mudanças e deslocamentos interessantes e multiplicando as possibilidades de olhar objetos literários, que trazem uma escrita de si.

A autobiografia, como assinala a própria etimologia da palavra, é uma biografia ou uma história de vida, que o próprio autor elabora. Em seu livro *O pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Depreende-se dessa definição que a autobiografia implica a existência de uma forma discursiva de linguagem definida – narrativa, em prosa, tendo como assunto a vida individual, a história de uma personalidade, necessitando que o narrador tenha uma perspectiva retrospectiva da narrativa, e que haja uma correspondência triádica-dêitica entre autor-narrador-personagem.

Para essa teoria, a noção de pacto autobiográfico é muito importante, pois é ela que distingue a autobiografia do romance autobiográfico e de outras formas de discursos miméticos. Para Lejeune, a autobiografia se refere a um sistema referencial real, reconhecível e estável, ao passo que o romance autobiográfico é um sistema mimético, que constrói um referencial através da ilusão, da estratégia, isto é, num caminho contrário à autobiografia. Para o teórico francês, a autobiografia se define pela existência de um pacto autobiográfico, que se estabelece quando há uma identificação entre o nome do autor, tanto na capa/página de rosto, quanto no interior do livro. Autor, narrador e protagonista seriam um só – a pessoa que narra é ao mesmo tempo o autobiógrafo, o autobiografado e o assunto de que se fala. Neste caso, a expectativa do leitor é encontrar a narração de acontecimentos verdadeiros, ao contrário do romance autobiográfico, que ao não supor um pacto, leva o leitor a ter dúvidas sobre aquilo que lhe é apresentado buscando semelhanças entre autor e personagem, num jogo de adivinhação. Neste

jogo, o leitor pode acreditar, ou não, que o que está escrito se relaciona a um referente real, ou seja, a um referente pertencente ao mundo/plano extradiegético⁹.

Indo além da diferenciação entre autobiografia e os seus gêneros limítrofes, o teórico afirma que o gênero autobiográfico se diferencia do romance pela existência, neste último, de um pacto romanesco, no qual, além de não haver identidade entre autor e personagem, há um atestado de ficcionalidade. O leitor, portanto, parte do pressuposto de que tudo o que está escrito é uma (re)configuração da realidade, estruturado por um discurso diegético.

Concordar integralmente com essa noção de autobiografia de Lejeune, inviabilizaria a nossa proposta de discutir o romance de James Weldon Johnson, uma vez que, como apresentado no início deste capítulo, a primeira edição da obra foi publicada sem autoria. Se na perspectiva desse teórico o que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade, que é selado pelo nome próprio, a ausência deste nome torna impossível estabelecer tal pacto e tal identidade, em qualquer uma das duas formas indicadas por Lejeune: implicitamente (através do uso de títulos ou pela seção inicial), ou de modo patente (o nome do narrador-personagem coincide com o nome do autor impresso na capa). O acontecimento da segunda edição, publicada em 1927, poderia favorecer uma leitura no viés dessa teoria, porque os devidos créditos de autoria foram atribuídos a Johnson. Mas a publicação de sua “verdadeira” autobiografia *Along this way*, em 1933, torna ainda mais aguda essa impossibilidade, já que Johnson escreve que, aquela narrativa não era sua autobiografia. Como ler um texto que traz no título e na construção referencial uma relação estrita com a noção de autobiografia, tal como desenvolvida por Lejeune, mas que no seu epitexto – sua autobiografia *Along this way* – não a confirma? O conceito de autobiografia, como é apresentado por Lejeune, não dá conta de responder a tais perguntas, isto porque, para o autor francês, mesmo que textos ficcionais se aproximem da definição de autobiografia, esta não comporta graus – é tudo ou nada (LEJEUNE, 2008, p. 25).

Entretanto, o teórico parece esquecer que, mesmo em sentido restrito, a autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos estilísticos e narrativos próprios da ficcionalização. Além disso, já é por demais sabido que, qualquer

⁹Discurso diegético é aquele que cria a realidade própria da narrativa (“mundo ficcional”, “vida fictícia”). Plano extradiegético é, assim, a realidade empírica, a realidade externa, o chamado “mundo real” ou “vida real”.

tentativa de acesso retrospectivo à memória, é um ato de interpretação e reinterpretação da vida, que podem, segundo Peter Ludwig Berger (1983), ser transformados de acordo com uma mudança de ponto de vista provocado pelo tempo, por uma mobilidade geográfica ou social (BERGER, 1983, p. 68-71).

Vale a pena refletir sobre algumas problemáticas advindas, tanto da definição e diferenciação de gêneros propostas por Lejeune, quanto dos limites entre discurso referencial e discurso ficcional.

Se, como dissemos acima, a autobiografia comporta graus de ficcionalização, o romance pode, por outro lado, também incluir inúmeros elementos de “realidade”, que assim atenuam seus elementos de ficcionalização.

Em *Autobiografia de um Ex-Negro*, Johnson provoca no leitor, de certa forma, a reflexão simultânea sobre o apagamento das fronteiras entre gêneros literários, entre ficção e não-ficção, e entre grupos identitários. Ao narrar ao leitor sobre o seu estado de ânsia e entusiasmo pela sua apresentação de piano, ao lado da jovem violinista, pela qual sentia uma paixão forte, ainda que infantil, o narrador-personagem adverte:

Tentei descrever a cena; se consegui, de alguma forma, foi certamente a metade do que realmente aconteceu, pois as palavras podem expressar apenas parcialmente o que eu gostaria de dizer. (JOHNSON, 2010, p.29)

No que diz respeito à forma discursiva de linguagem empregada, há também de se discordar de Lejeune, uma vez que existem construções autobiográficas em forma de poesia, e não só de prosa como ele considera.

O pesquisador e crítico literário brasileiro, Antonio Candido (1987), reflete sobre a presença da poesia na escrita autobiográfica. Em seu artigo, *Poesia e ficção na autobiografia*, Candido analisa livros produzidos pelos escritores mineiros Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava, livros os quais,

podem ser qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico. (CANDIDO, 1987, p. 51)

Voltando aos pressupostos do teórico francês, há que se destacar que Lejeune se baseia principalmente no livro *Confissões* de Jean Jacques Rousseau (2008), que para ele se afirma como o modelo clássico de autobiografia. Acreditamos, contudo, que o corpus de obras autobiográficas, derivadas de Rousseau, é extremamente restrito, e está longe de poder favorecer a elaboração de um modelo para o gênero autobiográfico, sobretudo se desejarmos que o gênero tenha maior amplitude, podendo assim, acomodar uma grande diversidade de obras. Basta lembrar, que o propósito de Rousseau, estabelecido no início do Livro VII das suas *Confissões*, era supostamente revelar com exatidão o seu íntimo em todas as situações de sua vida. No entanto, a partir das reflexões atuais sobre subjetividade e identidade, tal totalidade é considerada impossível, e a verdade de uma vida não pode ser apresentada em trama narrativa reunida¹⁰. Desta forma, esse modelo não se adapta à complexidade das formas autobiográficas contemporâneas.

Uma outra problemática, que se desdobra da anterior, é a busca do pesquisador em construir um modelo universal de gêneros. Lejeune parece desconsiderar toda a mudança epistemológica, que era recém discutida na época da primeira publicação do seu texto, em 1975, na França. Portanto, a tentativa de fixação de um modelo universal de gêneros, ia na contramão dos questionamentos e da perda de legitimação dos grandes paradigmas e discursos de validade absoluta.

Uma construção autobiográfica para Lejeune necessita de um pacto autobiográfico, que é a correspondência de identidade entre autor-narrador-personagem, como elucidamos acima. Mas, com o descentramento do sujeito ou com a “crise de identidade”, como chama o teórico dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2011), pensar numa identidade fixa, essencial, unívoca, passa a ser impossível. O que decorre desses deslocamentos, é uma identidade descentrada, fragmentada, múltipla, caracterizada pelo desejo e pela falta, no sentido de uma constante busca, numa construção nômade e errante. Voltaremos e nos deteremos sobre a discussão desse aspecto no segundo capítulo desta dissertação, no qual refletimos sobre a complexa construção identitária do narrador-personagem do objeto literário que estamos analisando, o romance de Johnson.

¹⁰ Nietzsche, como nos aponta Michel Foucault (1997), em *Nietzsche, Freud e Marx*, já havia anunciado a “morte” de Deus – a representação da verdade, da razão e do pensamento que durante muito tempo reinou entre a sociedade ocidental –, abrindo um caminho fora da área de conforto, ao colocar que as “verdades” são provisórias e atendem a determinados interesses.

Temos então que admitir que Lejeune se baseia em definições de verdade, de identidade e de realidade, conceitos que desde a época em que ele propunha sua teoria, já vinham sendo questionados, e perdendo sua validade, de modo que, hoje, já não correspondem mais aos modos consensuais que as ciências humanas os percebem.

Por outro lado, observa-se, no romance, construções e relatos memorialísticos, estritamente ligados ao referencial fático e histórico do momento político-cultural norte-americano. Além disso, a reconstituição do passado não é enfocada apenas na personalidade de um único indivíduo, que é o que acontece numa autobiografia, mas num constructo, que se assemelha aos escritos memorialísticos de uma comunidade, uma vez que no romance o acesso ao passado se dá através da pluralidade de vozes testemunhais, que são incorporadas e problematizadas pelo híbrido identitário performatizado pelo narrador-personagem. Essas características colocam a obra num entre-lugar¹¹ no processo narrativo, num híbrido discursivo: ela não se caracteriza como uma autobiografia, mas também não é ficção; não é verdade, mas também não é somente invenção. Dessa forma, como encarar o romance em questão? Acredito que aproximá-lo de outros conceitos flexíveis de escrita de construção de *selves* será de suma importância para que, no aproveitamento dessas intercessões, possamos definir o que propomos como “autobiografia cultural”.

Um dos conceitos flexíveis, que reflete sobre a escrita de construção de *selves* e que se insere nas brechas das teorias sobre autobiografia, é o de autoficção, definido pelo crítico e romancista francês Sergue Doubrovsky (2001). O autor criou o neologismo *autofiction* para qualificar seu livro *Fils*, no qual o narrador tem o

¹¹No decorrer da presente reflexão explicitaremos o que entendemos como entre-lugar, e como esse conceito nos ajuda a pensar o romance de Johnson.

nome do autor, apesar de suas peripécias serem fictícias. Ele propõe na quarta-capa do livro:

Autobiographie? Non, c'est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style. Fiction, d'événements et de faits strictement réels; si l'on veut, *autofiction*, d'avoir confié le langage d'une aventure à l'aventure du langage, hors sagesse et hors syntaxe du roman, traditionnel ou nouveau. Rencontres, *films* des mots, allitérations, assonances, dissonances, écriture d'avant ou d'après littérature, *concrète*, comme on dit musique. Ou encore, autofricção, patiemment onaniste, qui espère faire maintenant partager son plaisir. (DOUBROVSKY, 2001, p.10)¹²

Para Doubrovsky, autoficção não é nem autobiografia, nem romance. Para ele, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois, em um re-envio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto.

A professora e teórica da literatura Diana Klinger (2007), lendo a proposição do crítico e romancista francês, considera a autoficção um gênero *bivalente*, *ambíguo*, *andrógino*, que “se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si [mas, ao mesmo tempo, de fazer uma reflexão crítica sobre ele] e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita” (KLINGER, 2007, p.26). Ou seja, “a categoria de autoficção implica não necessariamente uma corrosão da *verossimilhança interna* do romance, e sim um questionamento das noções de *verdade* e de *sujeito*” (KLINGER, 2007, p.47).

Aprofundando o questionamento do sujeito e considerando a autoficção uma *dramatização de si*, a pesquisadora alia o conceito de autoficção, ao conceito de performance, já que tanto na performance, quanto na autoficção convivem o autor (o ator) e o personagem, numa forma discursiva que expõe a subjetividade e a escritura como processos em construção. Com isso, quebra-se o caráter naturalizado da autobiografia, ou seja, a correspondência entre a narrativa e a vida do autor, já que tanto na performance, quanto na autoficção, os textos apresentam-

¹² Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer. (*tradução minha*)

se “inacabados, improvisados, *work in progress*, como se o leitor assistisse ‘ao vivo’ ao processo de escrita” (KLINGER, 2007, p.56).

Klinger considera a autoficção:

(...)como uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe ‘ao vivo’ no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação. (KLINGER, 2007, p.62)

Um outro deslocamento teórico, sobre as escritas de construção de *selves*, é o conceito de nova autobiografia, proposto por Robbe-Grillet em seus romances, e estudado pelo teórico francês, Alfonso de Toro (2004), em seu artigo *La ‘nouvelle autobiographie’ postmoderne ou l’impossibilité d’une histoire à la première personne* [A ‘nova autobiografia’ pós-moderna ou a impossibilidade de uma história na primeira pessoa]. Para Toro, a nova autobiografia não se caracterizaria como um gênero, como a autoficção, mas como um ato discursivo híbrido, rizomático, nômade, que propõe uma construção momentânea, uma identidade que se transforma a cada escritura/leitura.

La nouvelle autobiographie devient de la sorte un texte hybride qui ne forme plus de genre en soi, mais qui se trouve entre les genres. Cet état intermédiaire est constitué par la lutte consciente entre le ‘réel’ et sa réalisation écrite, par l’élévation du processus d’écriture au rang de matériau constitutif de l’autobiographie. Les limites entre le ‘réel’ et sa réalisation écrite (fiction) disparaissent, étant donné que l’écriture est une catégorie épistémologique à part entière qui ne se réfère qu’à elle-même et qui se place dans l’autoréférence du “vrai”. (TORO, 2004, p.107)¹³

Alfonso de Toro argumenta que esta abordagem parte das carências encontradas no conceito de gênero autobiografia de Lejeune: para este, só cabia um discurso referencial, enquanto a nova autobiografia abarca tanto a referencialidade, quanto a ficcionalização. Do mesmo modo, Robbe-Grillet ultrapassa a noção

¹³A nova autobiografia se torna assim um texto híbrido que não forma um gênero em si, mas que se encontra entre os gêneros. Este estado intermediário é constituído pela luta consciente entre o ‘real’ e a sua realização escrita, pela elevação do processo de escritura à condição de material constitutivo da autobiografia. Os limites entre ‘real’ e sua realização escrita (ficção) desaparecem, dado que a escritura é uma categoria epistemológica intacta que se refere apenas a ela mesma e que se coloca na autoreferência do ‘verdadeiro’. (tradução minha)

metafísica de identidade, ao considerar uma identidade que se constrói no nomadismo do duplo jogo de escrita/leitura. Dessa forma, a temática da nova autobiografia também muda. Não se trata de uma narrativa retrospectiva da existência de um indivíduo pré-existente ao ato da escrita, mas de uma subjetividade instável, que está a todo momento questionando a si mesmo, ao que é tido como real e verdadeiro, além de outras temáticas como a literatura e a ciência.

Refletir, nesta pesquisa, sobre os termos autoficção e nova autobiografia, como propostos por Doubrovsky e Grillet, respectivamente, mostra-nos como as fronteiras entre autobiografia e ficção, realidade e ficcionalização, e a noção de identidade podem ser ultrapassadas, e suscitar a criação de novos objetos estéticos, e novas reflexões teóricas. Ainda neste aspecto, elas nos oferecem subsídio para pensar o romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, uma vez que esse texto traz um personagem híbrido identitariamente (branco e negro/afro-americano), que se apresenta performaticamente através da escrita.

Helmut Galle (2006) também nos ajuda a pensar em uma abertura do campo das escritas de construção de *selves*. Em seus estudos, de um modo geral, e o artigo *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*, mais especificamente, ele nos chama a atenção para a necessidade de pensar nas recentes publicações, na Europa, das “memórias de pessoas comuns, que participaram de momentos históricos (e catastróficos) e que, antes de morrer desejam relatar suas vidas” (GALLE, 2006, p.82). Essas publicações não são uma forma de terapia, ou um exercício exagerado de narcisismo. Para Galle, esses testemunhos são importantes, pois as vidas dessas pessoas estão vinculadas aos momentos mais incisivos da história europeia, como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. “Embora os dados históricos sobre essa fase tenham sido documentados e interpretados mais exaustivamente do que qualquer outro acontecimento, é somente a memória individual que pode revelar a dimensão do sujeito que participou do evento” (GALLE, 2006, p.82) Além disso, indo no caminho proposto pelo novo paradigma da história, esses discursos abrem a possibilidade de observar e interpretar acontecimentos, que não foram registrados, ou por não terem uma importância ampla, ou pela necessidade de silenciamento mesmo dessas vozes minoritárias e divergentes.

Novamente, afastar nosso objeto de análise da definição de autobiografia proposta por Lejeune se faz interessante. A construção memorialística e identitária

do romance de Johnson traça aspectos de um momento muito conturbado no desenvolvimento dos Estados Unidos, no período pós-Guerra de Secessão. Observar essas descrições, nos ajuda a entender a situação política entre brancos e negros após esse momento.

O trabalho empreendido nas reflexões da teórica e crítica literária Julia Watson (1993), em seu ensaio *Toward an Anti-Metaphysics of Autobiography* [Em direção a uma anti-metafísica da autobiografia], oferece-nos uma outra alternativa de olhar os discursos de construção de *selves*. Interessada em analisar como diferentes teóricos contestam a concepção metafísica da autobiografia, através da revisão dos termos que constituem a palavra, Watson procura estabelecer um modelo alternativo de autobiografia, que possa dar conta de uma outra noção de subjetividade, não aquela calcada na univocidade e na estabilidade emaranhadas no sujeito metafísico, mas uma subjetividade construída de modo dialógico. Sua proposta é a inserção de um novo olhar sobre as autobiografias, um olhar interessado em observar as novas concepções de sujeito, de identidade e de escrita nas autobiografias.

Julia Watson apresenta, após pontuar teóricos que têm uma visão clássica da autobiografia, uma comparação de como era a leitura de autobiografia realizada pela tradição, e o que substanciaria a sua nova proposta de leitura:

The critical tradition of reading autobiography as the locus of monumental Western selfhood may be destabilized if we read the alter egos of its canonical texts, those equally canonical autobiographies that are too problematic to be inserted easily into the genre as models but that enjoy the status of “great books” despite their resistance to generic norms. As troublingly self-reflexive narratives, the autobiographical writings of Montaigne, De Quincey, and Rilke can be read as transgressive boundary texts that disrupt the genre’s *bios*-biased self-definition and reveal the shifting instability inscribed within the representation of any Western self, including their own. The disruption of that self-definition will afford us the opportunity to look at one “other” of the autobiographical tradition, namely women’s autobiographies, and to examine current claims that they offer an alternative mode in which *bios* is reinterpreted and the monument to stable selfhood is seen in the light of alterity and dialogue. (WATSON, 1993, p. 61)¹⁴

¹⁴A tradição crítica de ler a autobiografia como o *locus* da monumental individualidade ocidental pode ser desestabilizada se lermos os alter-egos de seus textos canônicos, aquelas autobiografias igualmente canônicas que são demasiado problemáticas para serem facilmente inserida no gênero como modelos, mas que desfrutam do prestígio de serem “grandes livros”, apesar de sua resistência às normas do gênero. Como narrativas auto-reflexivas perturbadoras, os escritos autobiográficos de Montaigne, De Quincey e Rilke podem ser lidos como textos que transgredem as fronteiras que rompem a definição de *self* centrada sobre a *bios*, tradicional ao gênero, revelando a cambiante instabilidade inscrita no interior da representação de qualquer *self* ocidental, inclusive o deles próprios. A ruptura daquela definição de *self* nos dará a oportunidade de olhar para um “outro da

Watson chama a atenção para a existência de um sujeito histórico, que se constrói de modo dialógico, a partir das relações que estabelece com outras subjetividades, implodindo, dessa forma, a noção de sujeito metafísico, unívoco e estável, tal qual apresentado anteriormente na teoria do crítico francês Phillipe Lejeune.

Os escritos autobiográficos de Montaigne, de De Quincey e de Rilke são então tomados por ela como exemplos de textos que ilustram uma desestabilização do modelo ocidental de autobiografia. Cada um deles faz uso de diferentes estratégias narrativas, que “articulate structures of self-reflection that place the metaphysical self in a *mise-em-abîme* that represents its undoing” (WATSON, 1993, p.62)¹⁵. Isto é, o uso da metáfora, da escrita em labirinto, do fragmento, da extensão temporal e espacial, da colagem (alguns dos modos destacados pela pesquisadora) desencadeiam estruturas de auto-reflexão, que acabam por abalar a estabilidade e a coerência do “eu-metafísico”, e a representação de uma suposta verdade sobre suas vidas.

Sobre a construção de uma subjetividade dialógica, Watson destaca que “each of theses writers ‘graphs’ the other, and its critique of stable metaphysical subjectivity, into his autobiography by contesting a concept of referential selfhood as a requirement of autobiography” (WATSON, 1993, p.62)¹⁶. Desse modo, ao marcar a presença do outro na escrita da construção do *self*, esses escritores acabam por incluir em seus discursos autobiográficos as vozes de outros *selves*. De acordo com a argumentação de Julia Watson, temos de um lado, o modelo de autobiografia tradicional, que servira para construir de forma discursiva o sujeito unívoco; do outro, modelos de autobiografias alternativas, que construíram subjetividades plurais e identidades multifacetadas.

tradição autobiográfica, ou seja, as autobiografias de mulheres [também de negros e outras minorias], e de examinar afirmativas atuais de que elas ofereceriam um caminho alternativo, na qual a *bios* é reinterpretada e o monumento à individualidade estável é visgo à luz da alteridade e do diálogo. (tradução minha)

¹⁵Articulam estruturas de auto-reflexão que colocam o *self* metafísico num cenário de abismo que por sua vez, representam sua ruína. (tradução minha)

¹⁶Cada um desses escritores escreve o outro e sua crítica à subjetividade metafísica estável do interior de sua autobiografia, ao contestar o conceito de uma individualidade referencial como uma exigência da autobiografia. (tradução minha)

No decorrer da argumentação, desenvolvida pela teórica da literatura, observa-se uma crítica a alguns teóricos, que embora encaminhem suas leituras e seus olhares sobre construções autobiográficas de minorias, ainda o fazem a partir de uma perspectiva de um sujeito metafísico e de uma representação da verdade através da escrita. Ainda assim, Watson destaca algumas pesquisadoras, como Mary G. Mason, que enfatizam a perspectiva relacional e a presença do outro na construção do *self* de autobiografias de mulheres. De acordo com Watson, Mason tem demonstrado em seus estudos, que mulheres escritoras definem a identidade de modo relacional, estando a revelação do *self* feminino ligada à identificação de algum “outro”. Numa busca aproximativa aos pensamentos de Mary G. Mason, Julia Watson apresenta uma leitura de duas obras autobiográficas da escritora socialista alemã Christa Wolf: *Cassandra* e *Patterns of Childhood*. Na primeira, Watson destaca o modo como Wolf descreve a escrita do romance e entrelaça as suas próprias reflexões como uma escritora e como uma profetisa desatenta. Na outra, Watson chama a atenção para o modo como os atos de memória tornam-se gestos, contra a amnésia cultural coletiva a respeito do passado fascista na Alemanha. É sobre o modo transpessoal (que envolve a relação entre memória pessoal e memória coletiva) como Christa Wolf constrói a subjetividade, que Julia Watson chama a atenção. Segundo Watson, “insisting on locating subjectivity at a nexus of historical coordinates, Wolf signals a resistance to autobiography’s authorization of private, *bios*-oriented subjectivity and reinscribes it as a collective genre.” (WATSON, 1993, p. 75)¹⁷.

Ampliar o debate sobre a autobiografia, através da busca por um olhar não-metafísico da autobiografia, é de extrema importância para a elaboração de estratégias de leituras alternativas para o romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, uma vez que, como ato discursivo ele se constrói nesse meandro entre testemunho, memória e ficção de um eu-múltiplo, que se escreve e encena deixando reverberar rumores, ecos não apenas da própria vida de Johnson, mas também de outros personagens-narradores, evocados pela dimensão coletiva do romance.

¹⁷Ao insistir em localizar a subjetividade, conectando-a a coordenadas históricas, Wolf sinaliza uma resistência à subjetividade orientada sobre a vida e à autoridade da autobiografia sobre o privado, reinscrevendo-a como um gênero coletivo. (tradução minha)

Procurei até aqui trazer à luz conceituações teóricas sobre a construção de escrita de *selves*, provocadas pela leitura do romance de James Weldon Johnson, que suscitaram em mim a busca por novos deslizamentos, em que o entre-lugar do processo narrativo aparece como potência, no objetivo de pensar o que seria uma “autobiografia cultural”.

O termo entre-lugar, desenvolvido por vários pensadores, e nomeado de maneiras diferentes: Silviano Santiago (2000) o definiu em *O entre-lugar do discurso latino-americano*; Homi K. Bhabha (1998) chamou esse conceito de “espaço intersticial” em *O local da cultura*; de modo ficcional e literário Guimarães Rosa (1978) teorizou sobre esse espaço intermediário em seu conto *A terceira margem do Rio*. Essas são algumas definições que, na virada de século, falam sobre as “zonas” criadas pelos descentramentos, as debilitações dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais, no contexto das Américas, e deslocar a única referência atribuída à cultura europeia.

De um modo geral, e mais especificamente para a nossa reflexão, compreendemos entre-lugar como um espaço intermediário, intersticial, de trocas e mudanças, que permite sair da lógica das oposições binárias (realidade/invenção; sujeito/objeto; identidade/alteridade; branco/negro; etc.). Dentro dessa perspectiva, o entre-lugar não pretende ser apenas um terceiro termo, mas um espaço intermédio que, num oxímoro, engloba/hibridiza/contamina e ultrapassa os termos opositivos.

Uma terceira margem, um caminho do meio, um entre-lugar: em termos de autobiografia deve superar a aporia fundamental encerrada por essa questão na proposição de Lejeune. Ela consiste na visão de que a autobiografia se constrói sob o referencial da realidade, e nega o sistema referencial ficcional. Devemos pensar numa anulação das fronteiras, em um oxímoro: palavra com etimologia de origem grega *oxymóron*, formada pela junção de *oxus*, que significa agudo, e *môrus*, que significa louco, o que remete a uma loucura aguda da linguagem. Tal loucura aguda da linguagem consiste: na união de conceitos que se excluem mutuamente, com o objetivo de produzir novos sentidos; na associação de palavras com aspectos

contrários, para evocar uma realidade original; ou ainda na união de forças opostas em um personagem, para criar situações novas, inéditas: a oximorização em termos de autobiografia se dá na aglutinação deliberada de contrários para criar novas e vivas possibilidades de construção narrativa.

Pensamos a obra tratada nesse híbrido discursivo: ela não se caracteriza como uma autobiografia, mas também não é ficção. Não é verdade, mas também não é somente invenção¹⁸. Neste jogo entre autobiografia e ficção, verdade e invenção, vale retomar o trecho do primeiro parágrafo do livro que destacamos no decorrer desta reflexão. Nele o personagem-narrador destaca que o seu objetivo é “pregar uma peça na sociedade”. O jogo e a vontade de jogar com o seu leitor estão explícitos desde o primeiro parágrafo. E essa atitude segue todo o romance, a partir das “trocas” identitárias (ora branco, ora negro) que o personagem-narrador promove, podendo, dessa forma, participar das dinâmicas de ambas as culturas, e nessa dupla consciência, e dupla possibilidade de entrada e trânsito, poder criticá-las e pensá-las politicamente. Nessa perspectiva, a escrita autobiográfica de Johnson se aproxima dos relatos (auto)etnográficos, dos testemunhos, ou se assim podemos dizer, de uma “autobiografia cultural”, na qual, diferentemente do que propunha Lejeune, não é a história individual de uma personalidade, mas o pensamento de um sujeito em trânsito, que escreve e pensa sobre o coletivo. O *self* está a serviço de um alter, como se vê na passagem a seguir, em que o personagem-narrador descreve indignada e criticamente a queima de um negro, na parte sul dos Estados Unidos:

Antes do meio-dia, trouxeram o homem. Dois cavaleiros trotavam, alinhados, e entre eles, quase arrastado, o pobre infeliz corria pela poeira da estrada. Suas mãos estavam amarradas às suas costas, e cordas ao redor de seu corpo estavam atadas às selas dos cavalos de seus guardas. Os homens que à meia-noite estavam quietos e austeros emitiram aterrorizantes gritos de euforia. Abriu-se rapidamente um clarão em meio à multidão, e uma corda foi colocada no pescoço do negro. De alguma parte, gritaram: “Queimem ele!”, e a sugestão incendiou os presentes como uma corrente elétrica. Alguma vez você já presenciou a transformação de seres humanos em feras selvagens? (...) As chamas encolheram por um instante, como se unissem forças para depois saltar até a altura da cabeça da vítima. Ele gemeu, e contorceu-se, preso pelas correntes, depois soltou gritos e urros que eu jamais

¹⁸Além do entre-lugar narrativo, o personagem-narrador do romance pode ser encarado identitariamente como um ser em entre-lugar: a aglutinação entre o binário identitário branco/negro (ocidentalmente muitas vezes tidos como identidade/alteridade, sujeito/outro) gera um personagem com uma especificidade muito interessante, que o permite um trânsito entre as duas culturas. Debruço-me sobre essa questão no segundo capítulo desta dissertação, em que teço considerações sobre a performance identitária do narrador-personagem.

deixarei de ouvir. Seus berros e lamentos eram abafados pelo fogo e fumaça, mas seus olhos, quase saindo de suas órbitas, rolavam de um lado a outro, apelando em vão por socorro. Alguns da multidão gritavam e celebravam, outros pareciam arrependidos pelo que tinham acabado de fazer, e havia ainda outros que viraram de costas, enojados com a visão. Eu estava preso ao lugar em que eu estava, sem força alguma para tirar os olhos do que eu não queria ver. (JOHNSON, 2010, p.158-159)

A narrativa de Johnson é também híbrida ao usar diferentes camadas de discurso: há a narração linear da vida do protagonista, da infância como negro, à fase adulta, como branco. A partir das peripécias da vida desse negro cuja “alvura [dos] dentes, a beleza [da] boca, o tamanho e o escuro profundo [dos] olhos, e [...] os longos cílios [...] eram capazes de produzir um efeito estranhamente fascinante” (JOHNSON, 2010, p.18), surgem também o discurso filosófico e o político, nos quais se mesclam o pensamento do próprio Johnson, refletido e aprofundado em textos não-ficcionais posteriores, e as reflexões possíveis para um narrador que tenta justificar suas escolhas. No trecho a seguir ele declara sua expectativa sobre o futuro da escrita negra no país:

(...) esse mesmo fato constitui a oportunidade de um futuro romancista ou poeta negro dar ao país algo novo e desconhecido ao retratar a vida, as ambições, as lutas e as paixões dos homens de sua raça que estão se esforçando para romper os limites estreitos das tradições. Um começo já surgiu no notável livro do Dr. Du Bois, “As Almas da Gente Negra”. (JOHNSON, 2010, p.145)

Como já mencionamos, o próprio autor na ocasião da segunda edição do livro afirmou que, embora o texto tenha um tom confessional e muitas relações com a sua própria vida, essa construção identitária não é uma autobiografia, de modo que, só podemos enxergar nela ecos da vida de Johnson (como se observa no trecho em destaque acima, na citação do importante texto para a tradição negra norte-americana de W.E.B. Du Bois). Entretanto, essa atitude de perceber esses sussurros da vida de Johnson não deve ser feita na tentativa de adivinhação, como Lejeune alerta, ao diferenciar a autobiografia clássica do romance autobiográfico, mas com o intuito de perceber como Johnson lia criticamente os acontecimentos da sua época, e refletia esses pensamentos políticos em sua obra.

A visão política com que James Weldon Johnson deseja provocar o debate de seus leitores, parece se realizar tanto pelo aspecto híbrido da construção narrativa

do seu romance, no qual ele joga com as expectativas do seu leitor ao se deparar com uma “autobiografia” anônima, quanto, e talvez principalmente, pelo carácter de dupla consciência que dá ao seu narrador-personagem, o qual se encena identitariamente híbrido.

Performance identitária no romance *Autobiografia de um Ex-Negro*

Em artigo intitulado *A democratização no Brasil (1979-1981) – cultura versus arte*, Silviano Santiago (2004) aponta as datas 1979-1981 como um momento em que, no Brasil, houve um deslocamento no olhar da produção crítica literária, que acelerou o fim de um século, e o início do outro. Ao constatar um deslizamento das perspectivas de pesquisas dos “intelectuais das letras” para outros campos como a música e o cinema, Santiago observa que a crítica literária (tendo como matizes arte e sociologia) começa a ceder lugar à crítica cultural, a qual trabalha os fenômenos literários sob o olhar da cultura e da antropologia.

Embora a discussão de Santiago parta de exemplos centrados no espaço brasileiro, seus apontamentos podem ser tomados dentro de um sintoma sentido pelos estudos literários de um modo geral: se por muito tempo a literatura foi entendida como uma ciência, partindo de uma noção essencial, de uma verdade estabelecida a priori (a literatura é), com os questionamentos levantados sobre suas categorias autor, texto, obra, leitor, e os deslocamentos provocados a partir disso; a literatura sofre um tremendo abalo e passa a ser pensada como um fenômeno rebelde à teorização, de modo que, para entendê-la, torna-se necessário perguntar não mais o que é literatura, mas o que é considerado literário, quando, por quem e por que.

Eneida Leal Cunha (2009), em diálogo com o texto de Santiago, busca pensar as maneiras como o campo das Letras é afetado por esse descentramento, mais especificamente no que ela chama *A emergência da cultura e da crítica cultural*, que é também o nome de seu artigo. Leitora de Foucault, Cunha não está interessada numa origem da relação das questões culturais com o campo literário, mas na noção de emergência entendida como “um lugar de enfrentamento e de afrontamento, de embate entre forças dominantes e forças dominadas”, que, portanto, “não pode ser compreendida como ponto inaugural de alguma coisa nem

como continuidade, mas como efeito de deslocamentos, reposicionamentos ou inversões” (CUNHA, 2009, p.74).

A pesquisadora admite a dificuldade de definição ou de escolha de uma definição já proposta, e prefere localizar os valores que historicamente foram atribuídos à palavra cultura. Apoiada nos pressupostos de Terry Eagleton, ela identifica três aparições: a primeira se dá no Iluminismo, “quando a noção de cultura praticamente equivale à de civilização e de civilidade”; a segunda emerge da Alemanha no século XVIII, e privilegia aquilo que pode constituir a singularidade de uma nação, isto é “cultura significa (...) o modo de vida característico de um povo” (CUNHA, 2009, p.74-75); a terceira se dá no século XIX, ligada ao domínio das artes, promovendo a diferenciação entre os cultos e os incultos, alta e baixa cultura. Todas as três noções ainda coexistem, de forma alargada, até os dias atuais e atravessam, de maneira significativa, a área de Letras. Cunha elucida, então, dois campos de debates e de disputas contemporâneas sobre a cultura: de um lado há uma crítica à ideia de uma identidade estável e homogênea (ligada à noção de cultura-nação), provocada pela crise da noção de sujeito e pela percepção de que esse discurso recalca as perspectivas identitárias dos que estão em condição de subalterno; do outro, contesta-se o confinamento da cultura e do valor cultural à esfera letrada ou erudita.

Neste segundo capítulo, interessa-nos a primeira noção, na medida em que essa perspectiva alarga as antigas concepções centralizadoras de cultura e de hegemonia cultural, e nos permite pensar na categoria identidade como algo mais fluido e heterogêneo, recusando, portanto, concebê-la como estável, íntegra e unívoca, características relacionadas ao sujeito metafísico, como discutimos no capítulo anterior, através do texto da pesquisadora Julia Watson. É com essa perspectiva, aliado também aos questionamentos à noção dessa categoria, propiciados pelos deslizamentos da prática escritural do autobiográfico, tal qual apresentamos na primeira parte desta dissertação, ao lermos teorias sobre a escrita da construção de *selves*, que nos debruçamos teórica e criticamente sobre a construção de identidade no romance *Autobiografia de um Ex-Negro* de James Weldon Johnson.

2.1

Múltiplas identificações em *Autobiografia de um Ex-Negro*

Sabemos que pensar sobre a questão da identidade não é tarefa fácil. Muitos autores e estudiosos das Ciências Humanas, de um modo geral, e dos estudos literários e da cultura, de um modo mais específico, já demonstraram que não existe uma definição capaz de abarcar toda a complexidade e as implicações do termo. Dessa forma, procuramos relacionar diversos teóricos que trabalham com a discussão do conceito identidade, com o intuito de nos aproximarmos dessa construção performativa, que só se dá através da palavra tornada objeto literário. Nossa pretensão não é de exauri-la, mas de pensar em como ela dialoga com questões contemporâneas e nos ajuda a problematizá-las.

Tomemos o trecho abaixo, extraído do romance de James Weldon Johnson, como mote iniciador para a discussão. Trata-se da rememoração do narrador-personagem sobre um acontecimento dentro da sala de aula, que transformou a própria percepção sobre sua “identidade” ainda criança.

Um dia, quase no fim do meu segundo ano de escola, o diretor veio até a minha sala e, depois de falar com a professora, por alguma razão disse: “Quero que todos os alunos brancos se levantem por um momento”. Eu levantei junto com os outros. A professora olhou para mim e, chamando meu nome, disse: “Sente-se agora, você vai levantar junto com os demais”. Eu não entendi e perguntei: “Senhora?” Ela repetiu com uma voz ainda mais suave: “Você deve se sentar agora e levantar junto com os demais”. Sentei-me, confuso. Não enxergava nem ouvia nada. Quando ordenaram os demais para que se levantassem, eu ainda não entendia. Quando as aulas do dia terminaram, eu saí da escola em uma espécie de torpor. Alguns dos meninos brancos zombaram de mim, dizendo “Oh, você é um crioulo também”. Ouvi algumas crianças negras dizendo “Nós sabíamos que ele era de cor”. Brilhante zangou-se: “Parem com isso, não perturbem ele”; ganhou minha eterna gratidão. (JOHNSON, 2010, p.17-18)

Duas constatações sobre a questão da construção da identidade podem ser percebidas através da citação acima. A primeira refere-se à noção de que uma identidade só pode ser percebida na sua relação com a diferença. Ou seja, a construção que um sujeito faz de si, é indissociável à percepção da sua alteridade. Com relação a esse aspecto, Tomaz Tadeu da Silva (2004) argumenta que, a

diferença não é produto da identidade, mas tanto uma, quanto a outra, resultam de um processo de inclusão e exclusão:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2004, p. 82).

Se pensarmos na passagem destacada do romance de James Weldon Johnson, é exatamente pela diferenciação que o personagem-narrador se reconhece identitariamente como negro, ou como “de cor”. Anteriormente, pela especificidade de sua pele, ele não tinha essa consciência de sua identidade, tendo em uma lembrança anterior retratado uma disputa a pedrada entre meninos negros e brancos, sendo que ele havia se alinhado no segundo grupo. Após o acontecimento na sala de aula, uma nova percepção, aliada a um questionamento, se instaura aos olhos dele, a ponto de indagar à própria mãe: “Diga-me, mamãe, eu sou um crioulo?” (JOHNSON, 2010, p.19)¹⁹.

A segunda constatação que podemos levantar a partir dessa passagem, e que de certa forma está imbricada no primeiro ponto levantado, é que a identidade se constrói na relação com o outro. Para pensar uma identidade deve-se compreender a inserção do sujeito no mundo, e a sua relação com o outro. Ronald David Laing (1987) declara que “todas as ‘identidades’ exigem um outro – alguém em quem e através de cujo relacionamento a auto-identidade é efetivada. O outro, por intermédio de suas ações, pode impor ao *self* uma identidade indesejada” (LAING, 1987, p. 78). Essa formulação é fundamental para nossa reflexão. Ela nos leva à consideração de que a identidade só pode ser vislumbrada na relação com o outro, isto é, há um aspecto complementar e dialógico, em que o outro se realiza, ou completa o sujeito. No caso do trecho do romance em análise, percebemos que a auto-identidade do narrador-personagem é rechaçada na sua relação com os outros. Ele acaba tendo imposta sobre si uma identidade indesejada – a percepção de que é

¹⁹ Apesar dessa nova consciência sobre si, o personagem não limitará o que fica dentro e o que fica fora de sua identificação, ou melhor, não anulará sua alteridade, em detrimento da identidade adquirida. Falaremos disso mais à frente, quando pensarmos a complexificação da questão da identidade advinda com os estudos de cultura.

identitariamente negro. A respeito do caráter relacional da identidade, Laing nos adverte que:

a identidade da pessoa não pode ser completamente abstraída de sua identidade-para-os-outros; de sua identidade-para-si-mesma; da identidade que os outros lhe atribuem; da identidade que ela atribui aos outros; da identidade ou identidades que julga que lhe atribuem, ou que pensa que eles pensam que ela pensa que eles pensam... (LAING, 1987, p. 78)

Desse modo, a auto-identificação jamais será uma realidade concreta, mas uma abstração. A visão de identidade vai contra a formulação essencialista de sujeito metafísico, que vigorou, durante muito tempo, como fonte de análise e de explicação para discussões em torno da constituição do *self*. Nesta forma de percepção da subjetividade era adotada uma perspectiva “psicologizante”, ao considerar a existência de um eu interior, com relativa autonomia e permanência.

As abordagens advindas dos questionamentos e dos deslocamentos provocados pela emergência dos Estudos Culturais criticam tais modelos essencialistas. Elas apresentam uma formulação que busca desconstruir essa ideia de uma identidade única, integral e originária (como já havíamos colocado no início desta reflexão). Essa nova percepção teórica argumenta que, as identidades modernas estão em processo de colapso (“a crise da identidade”). Segundo essa perspectiva, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades, desde o final do século passado, trazendo como resultado a fragmentação das paisagens culturais de classe, sexualidade, nacionalidade etc., que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Neste contexto, os pressupostos levantados pela teoria do professor e pesquisador da cultura, Stuart Hall (2011), têm destaque e merecem nossa atenção na presente reflexão.

Em seu livro, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall diferencia três concepções de identidade, a partir de três noções de sujeito. Essas concepções refletem o processo intelectual de mudança do conceito de identidade fixa, para identidades plurais.

Partindo primeiramente do sujeito do Iluminismo, Hall coloca que este sujeito era “baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e

de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior” (HALL, 2011, p.10-11). Seu centro era sua própria identidade, o que gera uma concepção individualista de sujeito e de identidade. É interessante lembrar, que essa é a primeira vez que se passa a pensar no individualismo do sujeito, não que antes ele não tivesse individualidade e não fosse um indivíduo, mas só a partir deste momento o sujeito se libertou dos seus apoios estáveis, nas tradições e nas estruturas, isto é, na crença de que as coisas eram divinamente estabelecidas e não podiam ser mudadas. Por ter essa concepção de sujeito racional, pensante e consciente, devido à contribuição do pensamento do filósofo francês René Descartes (“Penso, logo existo”), esta noção tem sido conhecida como “sujeito cartesiano”.

A segunda construção de identidade observada por Hall parte da noção do sujeito sociológico, a qual “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’” (HALL, 2011, p.11). Ou seja, o indivíduo é formado e modificado num contínuo diálogo com o mundo exterior, a identidade pressupõe a interação com outras identidades culturais. Essa concepção é estruturada à medida que as sociedades adquiriam uma forma mais coletiva e social, sendo que dois eventos contribuíram para sua articulação: a biologia darwiniana (a razão tem uma base na natureza e a mente é um fundamento no desenvolvimento físico do cérebro humano) e o surgimento das novas ciências sociais (a sociologia localizou o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas).

Hall afirma que essas duas noções teriam sido predominantes até meados do século XX, momento em que ele identifica uma série de fatores que provocaram um descentramento do sujeito, culminando na emergência da terceira noção de sujeito: o pós-moderno. Antes da conceituação dessa nova perspectiva de sujeito, retomaremos os fatores elencados pelo teórico como desencadeadores desse deslocamento da noção de sujeito.

O delineamento do teórico dos Estudos Culturais se constrói atravessado pelo discurso do filósofo francês Michel Foucault (1997), do qual Hall destaca o trabalho genealógico sobre as instituições de poder, disciplina e controle do indivíduo e do corpo, que são apontados como fatores para esse descentramento. O atravessamento discursivo é sentido, principalmente, no levantamento feito por Hall, da teoria de Marx e de Freud como forças descentradoras, já que Foucault, em

sua palestra (e livro) *Nietzsche, Freud e Marx*, apresenta-nos tais teóricos como “mestres das suspeitas” – críticos e estudiosos, que através dos seus trabalhos instauraram dúvidas e desconfianças em suas respectivas áreas, mas que se fizeram e fazem perceptíveis, nas teorias e nos pensamentos discutidos contemporaneamente²⁰. Com Freud se questiona a certeza que o indivíduo tem de si, ao se liquidar o pensamento de Descartes “Penso, logo existo”, assumindo que todo sujeito é formado, além da sua racionalidade, por manifestações do seu inconsciente – nossas identidades, desejos e sexualidade são formadas através dos processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. As teorias de Marx provocam o desmantelamento das hierarquias de classe, e destroem o conhecimento e a crença positivista de que a economia é um processo natural de construção da história – os homens não são autores da sua história, eles fazem história a partir das condições que são dadas. Nietzsche anuncia a “morte” de Deus – a representação da verdade, da razão e do pensamento, que durante muito tempo reinou entre a sociedade ocidental – mostrando como “verdades” são provisórias e atendem a determinados interesses.

Hall destaca ainda, a importância da linguística de Saussure, que nos dá a percepção de que a língua é um sistema social, que preexiste ao indivíduo, de modo que falar uma língua não significa apenas expressar nossos sentimentos mais interiores e originais, mas significa também ativar uma extensa gama de significados, que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

Como última força de descentramento, Hall trata do feminismo, que juntamente com outros movimentos sociais, no decorrer dos anos 1960 e 1970, apelavam para suas respectivas identidades sociais. Esses movimentos questionaram as noções de público e de privado, dentro e fora, e abriram caminho para novas reflexões políticas.

Se a noção de sujeito era considerada como uma identidade unificada, fixa e estável, com esses paulatinos descentramentos, a identidade do sujeito pós-moderno “torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada

²⁰Michel Foucault já havia chamado tais pensadores de instauradores de discursividade em seu ensaio *O que é um autor?* (1992). Embora Stuart Hall não elenque Friedrich Nietzsche como um dos fatores do descentramento do sujeito, optamos em traçar sua construção epistemológica por considerar que as suspeitas estabelecidas por ele contribuem para pensar a nova noção de sujeito.

continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p.13).

Voltemos outra vez nossos olhares para o romance de James Weldon Johnson. Ele também nos mostra a construção de um “eu” que foge à noção de Descartes de sujeito cartesiano, definido como um ser racional, consciente e que equaciona sua identidade. O personagem-narrador se apresenta como uma identidade vagante, incerta e múltipla, que, possibilitado pelas suas particularidades de cor de pele, ora opta por se passar por um negro, e ora por um branco.

Já que os custos para me manter no Sul haviam sido pequenos, eu ainda tinha cerca de quatrocentos dólares. Por conta disso, meus gostos boêmios – naturais e adquiridos – ressurgiram e decidi me presentear com duas semanas de boa vinda antes de me preocupar seriamente com o meu futuro. Fui para Coney Island e outros lugares de diversão, acompanhei a pré-temporada de espetáculos na Broadway, comi em restaurantes de primeira classe, mas evitei a área da Sexta Avenida como se estivesse infectada com a peste. Meus poucos dias de prazer causaram terríveis perdas em minhas reservas e fizeram-me ver que era necessário muito dinheiro para viver em Nova Iorque do modo como eu queria. Eu teria que encontrar, o quanto antes, alguma ocupação mais ou menos rentável. Sabia que, desconhecido, sem amigos ou prestígio, seria inútil eu tentar me estabelecer como professor de música. Sendo assim, sequer considerei esse meio de ganhar a vida. E mesmo que tivesse a certeza de conseguir alguns alunos, teria hesitado em seguir uma carreira na qual as chances de se obter sucesso financeiro considerável é tão pequena. *Eu já tinha me convencido: uma vez que eu não seria mais um negro, eu iria me oferecer em todas as oportunidades possíveis de um homem branco obter sucesso – o que, em outras palavras significa “dinheiro”.* (JOHNSON, 2010, p.164-165, grifos meus)

Esse trecho trata do momento em que o personagem-narrador, cansado de sua vida no Sul, onde ainda via todo o sofrimento do negro provocado pelos brancos, resolve voltar a sua vida em Nova Iorque. Sob o efeito sintomático do que havia visto na parte sulista dos Estados Unidos, ele se sente convencido que é melhor continuar agindo como um branco, pois suas possibilidades de vida seriam melhores. Percebemos através da narração do personagem a multiplicidade identitária que sua cor de pele o permite ser. Essa noção de mobilidade de identidade é usada pelo personagem, em seu caráter relacional com outras identidades, a todo o momento, o que lhe permite um transitar sem-fronteiras: todas as vezes em que tem a intenção de se aproximar do universo negro, deixa que essa particularidade da sua identidade venha à tona, assim como quando sente necessidade de estar com os brancos.

O processo móvel de representação do sujeito, que se dá através do discurso do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, também nos ajuda a pensar em como é paulatino o processo de construção de uma identidade. Dessa forma, é interessante destacar que a identidade supõe que o sujeito escolha uma identificação, e renuncie as outras, que ele aceite uma separação, uma ruptura. Se a formação de uma identidade se dá em um processo, que exige escolhas e rupturas, por parte do sujeito, talvez seja mais interessante pensar em identificação, como argumenta Hall, partindo de pressupostos da psicanálise freudiana:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (HALL, 2011, p. 39).

Assim, no romance, o personagem-narrador, em seu processo de identificação com outros sujeitos, ora opta por uma identidade como negro, ora opta por uma identidade como branco. Dessa forma, neste duplo processo identidade/identificação, a primeira categoria pode ser entendida como um momento particular da identificação, que ocorre para preencher determinadas necessidades da pessoa, na sua relação com o mundo. A segunda, pode ser definida como o processo pelo qual um sujeito assimila, total ou parcialmente, uma propriedade, um aspecto, um atributo do outro, e se transforma segundo o modelo desta pessoa. As múltiplas identificações do homem culminam em variadas identidades, entre as quais o sujeito transita.

O jogo de identificações do personagem-narrador do romance de Johnson deixa entrever que, o sujeito pós-moderno possui identidades flutuantes e é fruto de um processo de hibridização. Isto é, mais do que entender o caráter racial híbrido do personagem (filho de mãe negra e de pai branco), que é explícito no texto, é necessário pensar no espaço de entre-lugar identitário que ele (e muitos de nós) ocupa.

Retomando o conceito de entre-lugar, pensemos em quais dimensões a identidade do narrador-personagem do romance também se apresenta como potência de rompimento de categorias binárias. Para além das dualidades, é possível

uma terceira margem, um caminho do meio. Um entre-lugar, em termos de identidade, deve superar a aporia fundamental encerrada pela questão identitária, a qual consiste na visão de que, ao se afirmar uma identidade, exclui-se outra, ou seja, a afirmação da identidade passa pela negação das alteridades (já que se passa pela noção essencialista de identidade, vista como única, fixa e fechada). A ruptura de fronteiras e os deslocamentos da lógica binária-paradoxal, em termos de identidade, pode ser vislumbrada na aglutinação deliberada de identidades contrárias, para criar configurações imprevisíveis.

Na nossa visão, o personagem-narrador do romance de Johnson pode ser encarado identitariamente como um ser localizado em um entre-lugar. A aglutinação entre o binário identitário branco/negro (ocidentalmente muitas vezes tidos como identidade/alteridade, sujeito/outro) gera um personagem com uma especificidade muito interessante, que lhe permite um trânsito entre as duas culturas. No Sul dos Estados Unidos ele se aproxima dos personagens negros, participando das dinâmicas e sofrendo com as questões ele enfrentadas. No Norte dos Estados Unidos e na sua passagem de vida além-América (momento em que vive na Europa) ele se “deixa passar” por branco, vivendo o que esse mundo lhe possibilita. Ambas as vivências permitem-lhe pensar criticamente sobre as deficiências e as precariedades da relação conturbada entre esses universos. Há um oxímoro entre o enraizamento de uma identidade e o não pertencimento a ela, o que gera uma vivência identitária rizomática. Vale explicitar, que o conceito de rizoma é apresentado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004) em seu livro *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Ampliando o conceito da área botânica, em busca de construir conceitos capazes de pensar a contemporaneidade, Deleuze e Guattari definem rizoma como uma segunda espécie de conjunto de linhas. Um primeiro, é aquele no qual uma linha é subordinada ao ponto, à verticalidade e horizontalidade, que estria o espaço, ao submeter as multiplicidades variáveis a um ponto único. O segundo conjunto de linhas, o rizoma, é completamente o contrário: ele não é exato, mas um conjunto de elementos nômades, vagos. Assim, o rizoma é o oposto da estrutura, pois enquanto esta se apresenta constituída como um “conjunto de pontos e posições que opera por correlações binárias entre os pontos e relações biunívocas entre as posições”, o rizoma procede por captura, variação, conquista, é um mapa heterogêneo “sempre desmontável, conectável, reversível” (DELEUZE & GATTARI, 2004, p. 33-34). Em outras palavras, rizoma é definido

como uma invasão sem centro, semelhante a uma rede, feito de direções móveis, sem início nem fim, ele não se remete a uma unidade e nem dela deriva.

Desse modo, ao dizer que a vivência identitária do narrador personagem de *Autobiografia de um Ex-Negro* é rizomática, estamos sugerindo que se trata de uma vivência e de uma identidade fluidas, intermediárias, que permitem ao personagem não um contato único, vertical, ao cenário cultural norte-americano, como uma raiz, mas um contato horizontal de infinitas possibilidades, cheio de caminhos/linhas diferentes, divergentes, que se cruzam e produzem uma subjetividade contaminada, como um rizoma. Sobre essa possibilidade de deslizamento, entre contextos culturais diferentes e sua possibilidade de agir e escrever como um *insider-outsider*, falaremos no terceiro capítulo dessa dissertação.

No que se refere a definição de autobiografia, proposta por Philippe Lejeune, vale recordar que esse teórico tem uma visão de uma identidade única, estável e essencial. Dessa forma, a construção identitária do nosso objeto de interesse também foge a conceituação proposta por ele, complexificando ainda mais as possibilidades de encarar o romance de Johnson, dentro das limitantes categorias estabelecidas pelo pensador francês.

O pensamento desenvolvido por Paul Gilroy (2012), em seu livro *O Atlântico negro*, dialoga com o que desenvolvemos até aqui, uma vez que este teórico enxerga que a força identitária não está no seu lugar de origem, mas no trânsito dessa identidade pelas culturas. Gilroy apropria-se do termo “dupla consciência” do romancista afro-americano W.E. B. Du Bois, que em seu livro *The Souls of Black Folk*, foi utilizada inicialmente para transmitir as dificuldades especiais, advindas da internalização negra de uma identidade americana:

Todos sentem alguma vez sua dualidade – um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz é apenas o que a impede de se dilacerar. (DU BOIS *apud* GILROY, 2012, p.248)

Gilroy aponta que a dupla consciência emerge da simbiose infeliz entre três modos de pensar, ser e ver.

O primeiro é racialmente particularista, o segundo, nacionalista, porque deriva mais do estado-nação, no qual se encontram os ex-escravos, mais ainda não

cidadãos, do que de sua aspiração por um estado-nação próprio. O terceiro é diaspórico ou hemisfério, às vezes global e ocasionalmente universalista. (GILROY, 2012, p.249)

É essa personalidade dual e a confluência entre os modos de pensar, ser e ver que, na nossa percepção, o personagem-narrador de *Autobiografia de um Ex-Negro* carrega e transfere ao leitor, pelo relato de tom autobiográfico. Sua dualidade é simbolizada, no que viemos explicitando até aqui, pela duplicação literal envolvida em ser identitariamente, até certo ponto, negro e branco, e poder transitar nesses universos.

Como procuramos evidenciar neste capítulo, o conceito de dupla consciência permite-nos refletir sobre a questão da identidade nos estudos de literatura e de cultura, desenvolvidos contemporaneamente, uma vez que nos possibilita vislumbrar que a categoria identidade (assim como uma série de outras noções do debate literário-cultural) precisa ser pensada de modo alargado e por meio de travessias. Pensar a construção da identidade, no jogo que envolve a performatização e a dramatização de uma subjetividade plural é, dentro dessa perspectiva, um caminho interessante e profícuo a se seguir. Dedico-me a isso na próxima seção.

2.2

Dramatização de si em *Autobiografia de um Ex-Negro*

Considero o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* uma construção performativa de identidade, que supõe, assim como ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ou como dissemos anteriormente, uma subjetividade que apresenta uma dupla consciência. Desde o primeiro parágrafo do romance, em que o narrador-personagem declara seu objetivo de “pregar uma peça na sociedade” (JOHNSON, 2010, p.7), observa-se que a aparência racial indeterminada do narrador permite-lhe performativamente cruzar a “linha de cor”. Ao longo de toda a sua narrativa de

vida ele se re-categoriza identitariamente, dependendo das circunstâncias: algumas vezes ele se identifica como negro, e, em outros momentos, passivamente permite que os outros o identifiquem como um branco.

Em texto intitulado *Performance e Literatura: perspectivas e contradições*, o professor e teórico da literatura Karl Erik Schøllhamer (2012) reflete sobre o conceito de performance, em diferentes campos teóricos durante as últimas décadas. Ele afirma que o conceito performativo foi sistematicamente introduzido pelo linguista Austin, em 1955, durante palestras na Universidade de Harvard. Nas palestras, o linguista diferencia o enunciado descritivo e constatativo, do enunciado performativo. O primeiro está condicionado ao julgamento do que é verdadeiro ou falso. O segundo trata-se de “um ato de fala particular que realiza no mundo social a ação à qual parece se referir” (SCHØLLHAMER, 2012, p.85), que não está submetido a critérios de verdade, mas que depende do contexto e das convenções, aos quais se relaciona. Nesse sentido, na teoria de Austin, “é crucial que os sujeitos dos atos de fala performativos” sejam “autorizados a performar sua fala” (SCHØLLHAMER, 2012, p.85). Desse modo, o teórico marca o seu interesse por atos de fala performativos, circunscritos no mundo social normal, pois esses são considerados sérios. A incorporação em contextos teatrais e literários é considerado um uso parasítico dos atos de fala performativos.

Seguindo o desenvolvimento histórico do termo performance, apresentado no texto, Schøllhamer aborda o trabalho crítico e de releitura da teoria de Austin, realizados pelo teórico francês Jacques Derrida. Afastando-se da diferenciação de Austin entre o uso normal e o parasítico da linguagem, Derrida defende que o enunciado performativo funciona tanto para a linguagem normal, quanto para a artística. Schøllhamer destaca que para Derrida:

A performatividade não pode ser nessa perspectiva entendida como resultado de um ato intencional, pelo contrário, faz-se possível em decorrência da possibilidade reiterativa e citatória em relação à qual o sujeito é designado como efeito. (...) a literatura é uma possibilidade na linguagem de transgredir o que o discurso tem de normativo e constitutivo, transformar o lado construtivo do discurso por via da ficção. A performatividade da linguagem tem um papel conservador e legislador na sociedade, mas a literatura abre a possibilidade de introduzir um elemento de desconstrução nessa mesma performatividade, um efeito de ironia por via da repetição, da citação, da autorreferencialidade e principalmente pela ficcionalização que abre a possibilidade de questionar o lado construtivo da linguagem. (SCHØLLHAMER, 2012, p.87)

Podemos entender o romance de Johnson como uma prática performativa que busca, através da sua ficcionalização literária, romper com o caráter normativo e constitutivo da sociedade americana, no momento da lei de segregação racial Jim Crow. Volto à cena descrita pelo narrador-personagem, em que ele é abrupta e violentamente re-categorizado identitariamente pelo gesto normativo e segregatório da professora. O narrador é vítima do policiamento de uma cultura que vê a cor da pele como a base para classificação, e que categoriza a identidade racial de um modo assimétrico, no qual o sujeito é branco, se todos os seus ancestrais forem brancos, e o sujeito é negro, se todos os seus ancestrais tiverem sido negros. Mas o narrador de *Autobiografia de um Ex-Negro* mostra que, devido suas particularidades identitárias, é possível se encenar e transitar entre os dois mundos e assim desconstruir o sistema de divisão racial norte-americano. Quando fala sobre a dupla personalidade, que os homens negros possuíam, James Weldon Johnson deixa entrever como esse aspecto os permite encenar-se diante de interlocutores variados:

Isso dá ao homem de cor, em proporção à sua intelectualidade, uma espécie de dupla personalidade; há uma parte dele revelada apenas quando está protegido pela sociedade secreta formada pelos companheiros de sua própria raça. Tenho observado com interesse, às vezes com espanto, mesmo homens de cor ignorantes usando o disfarce de largos sorrisos e tolices de *minstrel* para manter o dualismo na presença de homens brancos. (JOHNSON, 2010, p. 22)

Esse jogo performativo, descrito pelo narrador-personagem anônimo, pode ser entendido como uma prática desestabilizadora da falsa relação existente entre aparência física, e identidade propriamente dita. Nesse sentido, as contribuições teóricas da filósofa Judith Butler sobre o papel da linguagem, na constituição de gênero, nos parecem caras.

Seguindo a atividade de construção de um mapa sobre o conceito de performance e sua incidência no campo literário, que Karl Erik Schøllhamer desenvolve, chegamos à sua leitura sobre o pensamento de Butler. Schøllhamer enfatiza que, através do trabalho da filósofa, “fica mais clara a diferença entre o aspecto construtivo e performativo das normas de Gênero e o uso performativo da linguagem” (SCHØLLHAMER, 2012, p.87). Para Butler o gênero é uma

construção performática, isto é, uma construção cultural imitativa e contingente. Segundo ela, a noção de gênero, como essência interior de um sujeito, e como a garantia de identidade, é uma ilusão mantida para os propósitos da regulação da sexualidade dentro do marco obrigatório da heterossexualidade reprodutiva.

(...)a performatividade não é um ato singular ou intencional de um sujeito cuja identidade de gênero é precondição de sua prática. Pelo contrário, problematizando a compreensão esboçada por Foucault da subjetividade como determinada pelas práticas discursivas, Butler insiste na possibilidade de intervenção performativa na identidade de gênero através de um certo agenciamento (*agency*) por parte do sujeito na construção da identidade subjetiva. Para Butler a intenção é mostrar a inércia que a materialidade do corpo impõe às transformações da identidade de gênero e insistir que a construção social não é um campo determinista, mas possibilita uma certa performatividade transgressiva. (SCHØLLHAMER, 2012, p.88)

Compreende-se, portanto, que a identidade de gênero é construída processualmente e não é fruto de uma força determinista. Nessa perspectiva, a construção da identidade de gênero é uma realização performática demorada e aberta à intervenção, sugerindo que não há nenhuma categoria essencial de identidade.

Acredito que as contribuições de Judith Butler, sobre a construção performativa do gênero, ajudam-nos a lançar um olhar sobre a construção performativa da identidade racial do narrador personagem do romance de Johnson. Por não ter crescido numa comunidade circunscrita pela cultura negra, o narrador teve que aprender sobre sua identidade racial e buscar conexões com a cultura afro-americana quando jovem. Partindo dessa constatação, podemos pensar na questão de como a identidade racial pode ser apre(e)ndida ou construída por um sujeito.

Muitas vezes, ao longo de sua narrativa, o narrador diz acreditar que entende e pertence à cultura negra, mas ele parece estar testando uma identificação provisória: “Quanto mais eu crescia,” ele conta, “mais pensava sobre a minha situação e de minha mãe, e sobre qual era o nosso lugar no mundo. Minha ideia sobre essa questão era bastante nebulosa” (JOHNSON, 2010, p. 38). Ironicamente, ele começa a entender os problemas de raça nos Estados Unidos e a situar-se diante dessa questão, quando ele lê o livro *Uncle Tom’s Cabin* [*A Cabana do Pai Tomás*]. Sobre esse trabalho, escrito pela abolicionista branca Harriet Beecher Stowe, o narrador escreve:

Não vejo como um exagero dizer que “A Cabana do Pai Tomás” mostra um panorama honesto e verdadeiro da escravidão. Seja como for, o livro abriu-me os olhos para quem eu era – e o que eu era – e como meu país me enxergava. Em verdade, esse livro marcou meu verdadeiro nascimento. (JOHNSON, 2010, p.39)

Se a leitura de *Uncle Tom's Cabin* marca o seu nascimento, como o próprio narrador declara, as leituras de obras literárias relacionadas a homens de cor que ganharam notoriedade, incluindo Frederick Douglass, marcam seu crescimento ou seus primeiros passos na construção identitária. Após ver Brilhante, seu amigo negro de escola, fazer o discurso de formatura, ele traz para si um desejo de ser uma figura negra representativa: “senti crescer em mim um orgulho por ser um homem de cor, e comecei a formar sonhos colossais de trazer glória e honra à raça negra” (JOHNSON, 2010, p.42).

Ao deixar sua casa de infância, após a morte de sua mãe, o narrador viaja para Atlanta, onde tem sua primeira experiência com “um grande número de pessoas de cor. Eu tinha visto pequenos grupos ao redor das estações ferroviárias no meu caminho para o Sul, mas ali eu via uma rua repleta de negros” (JOHNSON, 2010, p.51). A sensação que ele tem diante dessa primeira visão de tantos negros não é de reconhecimento, de pertencimento ou de aconchego, mas de perplexidade pela distância geográfica e as diferenças de classe: “A aparência desgrehada, o andar arrastado e torto, a fala gritada e a gargalhada farta dessas pessoas causaram em mim um sentimento de quase repulsa” (JOHNSON, 2010, p.52).

Se o interesse do narrador-personagem, em sua viagem para Atlanta, era se inscrever na universidade da cidade, ele vê seu sonho abortado ao se deparar com o roubo de todos os seus pertences. Diante dessa nova circunstância ele é obrigado a fazer uma outra viagem de mudança: dessa vez, ele vai para Jacksonville, na Flórida, onde ele conta:

eu tornei-me conhecido da mais alta classe de pessoas de cor em Jacksonville. Essa foi, de fato, a minha porta de entrada para a raça. Foi minha iniciação no que eu batizei de “a maçonaria da raça”. Eu havia formulado uma teoria do que era ser negro, mas agora eu estava aprendendo na prática. (JOHNSON, 2010, p.67-68)

Pode-se dizer que a partir desse momento, o narrador de *Autobiografia de um Ex-Negro* descobre o outro lado de ser identitariamente negro: se ele já tinha

uma ancestralidade negra, agora ele passa a aprender sobre o significado de ser cultural e etnicamente negro.

Nesse rápido apanhado de momentos importantes da construção identitária do narrador personagem, fica evidente como é distinto seu sentimento inicial, ao ser violentamente re-categorizado como negro, pela sua professora escolar, a aceitação de sua história familiar e seu novo e positivo sentimento de pertencimento à comunidade negra. A experiência do narrador mostra, por outro lado, como é diferente ler sobre a cultura negra e viver propriamente no meio dela. Isso nos leva a pensar que, se o narrador pôde desenvolver uma consciência de raça aprendendo sozinho e sendo ensinado por outros, tanto a identidade racial, quanto a identidade cultural, podem ser apreendidos por qualquer um. Nessa perspectiva, podemos reiterar o que dissemos anteriormente, aparência e identidade não tem uma relação assimétrica, e ao aceitar que a identidade pode ser apre(e)ndida, desenvolvida e trabalhada, estamos enfatizando o quanto ela é uma performance de caráter provisório e contextual.

Uma outra forma de entender a performance identitária, no romance de Johnson, está ligada à recepção. Como discuti no primeiro capítulo desta dissertação, o marcante contraste entre a reação dos leitores em 1912, a recepção advinda pós a inserção do nome de James Weldon Johnson, em 1927, e a publicação de sua autobiografia *Along This Way*, em 1933, e a leitura que aqui apresento, demonstra como o narrador-personagem de *Autobiografia de um Ex-Negro* é um camaleão, que se transforma em quem o leitor quer que ele seja. Mais do que revelar a si mesmo, a construção do *self* do narrador revela nossos próprios desejos como leitores, e os pressupostos a partir dos quais compreendemos noções, como a de identidade, por exemplo. Se por um lado, como apresentei, a construção textual é inclassificável e camaleônica, há também múltiplas identidades, nenhuma das quais é definitiva ou totalmente abrangente.

O caráter performático do narrador-personagem do romance de James Weldon Johnson, enfatizando como os seus jogos de re-categorização identitária (ora branco, ora negro), sugere uma grande crítica ao sistema de segregação racial norte-americana. É possível dizer que, ao apresentar um narrador-personagem cuja identidade racial é flutuante, Johnson discute, através do seu ato autobiográfico, o quanto era (e ainda continua sendo) inócua e improfícua a classificação determinista racial da sociedade americana.

2.3

“Raça, o significante flutuante”

Tomo de empréstimo o título desta seção de um texto fundamental da discussão sobre raça. Trata-se do texto de uma conferência proferida pelo teórico da cultura Stuart Hall, em 1995, em Golsmiths College, na Universidade de Londres.

Hall começa sua conferência dizendo que, apesar da afirmação de que raça é uma construção discursiva, um significante deslizante, já ter determinada credibilidade no debate crítico, ainda não se conseguiu desarticular a forma do senso comum falar e produzir sentido sobre raça. É com esse argumento, aliado à vontade de pensar raça como significante, “sobre o mundo da mobilização política em torno de questões de raça e racismo, ou sobre as estratégias da política e da educação antirracistas” (HALL, 2014, p.1), que o teórico busca convencer a sua audiência de que vale a pena retornar à discussão sobre raça.

Segundo ele, para começar a entender o que ele quer dizer sobre “significante flutuante”, é necessário desconstruir o conceito formal de raça, fundamentado na ciência, onde raça está relacionado à constituição biológica ou genética. Desse modo, ele enfatiza que a parte visível, cor, cabelo e osso, tem baixa correlação com a diferença genérica e não podem ser relacionadas, embora muitas vezes sejam (vide o preconceito e o racismo com pessoas negras), com as características culturais, intelectuais ou cognitivas de um povo. Isto quer dizer que, ao ir contra uma definição biológica de raça, Hall está propondo sua definição a partir de uma perspectiva sócio-histórica e cultural.

O teórico, amparado na leitura da autobiografia *Dusk of Dawn* de W.E.B. Du Bois, refere-se a uma ancestralidade racial em comum, na qual africanos e afro-descendentes estão inseridos. Todos “têm uma história em comum, sofreram um mesmo desastre, têm uma única e longa memória de desastre. Porque a cor, embora pouco significativa em si, é importante (...) como distintivo da herança social da escravidão, da disseminação e do insulto dessa experiência” (HALL, 2014, p.2). Justifica-se nesse distintivo a ideia que raça é um significante, devendo-se entender

o comportamento racializado como fato discursivo e não como uma manifestação genética ou biológica.

Stuart Hall defende que raça funciona mais como linguagem, do que como constituição biológica:

Os significantes se referem a sistemas e conceitos da classificação de uma cultura, a suas práticas de produção de sentido. E essas coisas ganham sentido não por causa do que contêm em suas essências, mas por causa das relações mutáveis de diferença que estabelecem com outros conceitos e ideias num campo de significação. Esse sentido, por ser relacional e não essencial, nunca pode ser fixado definitivamente, mas está sujeito a um processo constante de redefinição e apropriação. Está sujeito a um processo de perda de velhos sentidos, apropriação, acúmulo, e contração de novos sentidos; a um processo infindável de constante ressignificação, no propósito de sinalizar coisas diferentes em diferentes culturas, formações históricas e momentos. (HALL, 2014, p.3)

Vale aqui estabelecer um diálogo com o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* de James Weldon Johnson.

A construção identitária racial do narrador-personagem foge a uma visão essencialista e determinista de identidade. As identificações estabelecidas por ele são apresentadas de modo relacional às de outras subjetividades, o que lhe permite se redefinir e apreender novos sentidos, gerando um processo de ressignificação identitária constante, que transgride a lei de divisão racial americana, baseada principalmente na concepção biológica e fisiológica de raça.

Seguindo a leitura do texto de Hall, chegamos à passagem em que ele retoricamente encena uma série de acusações, nas quais sua proposta de enxergar raça como um discurso é vista como idealista e fora da realidade. O teórico, então, sugere que existiriam três opções para dizer o que é raça: a primeira, de posição realista, enxerga as diferenças de tipo fisiológico ou de natureza como base para a classificação das raças humanas. A segunda toma raça como um “sistema autônomo de referência” (HALL, 2014, p.4) e é chamada de puramente textual ou linguística. A última, a posição discursiva, defendida por Hall, não nega a existência de diferenças, mas “o que importa são os sistemas que utilizamos para dar sentido a elas, para tornar as sociedades humanas inteligíveis” (HALL, 2014, p.4). Essa visão ajuda a desconstruir a relação contínua entre natureza e cultura. Ou seja, o raciocínio biológico no qual, ao definir onde uma pessoa se insere na classificação das raças humanas naturais, torna-se possível inferir o que pensam, sentem, e o que

são capazes de produzir. Essa visão essencialista e naturalizada de raça, serve de base para o racismo.

Sem negar que o corpo, e as características nele contidas, sejam um identificador de identidade de raça, a maneira mais simplista para dizer a verdade, Hall convida-nos para uma abordagem para além da realidade, do que os olhos podem ver, do que está presente de forma manifesta, oferecido como sintoma da aparência. Ele nos convida a sair da lógica do ver para crer, do óbvio, em que as pessoas são classificadas pelo que é evidente e concreto.

A diferença racial é mais parecida com a diferença sexual do que outros sistemas de diferença, precisamente porque a anatomia, a fisiologia, parece resolver a questão. O que sabemos e aprendemos, aos poucos, sobre a diferença sexual, isto é, a profundidade das questões por trás da produção dessa distinção, é o que precisamos começar a aprender sobre as linguagens que usamos para falar de raça. (HALL, 2014, p.8)

Esse argumento de Hall se aproxima da posição tomada por Judith Butler que apresentamos anteriormente. Está relacionado à performatividade de gênero e à potência transgressiva contra o raciocínio biológico e determinista, que esta prática possui. A performance aparece, nesse caso, como uma alternativa para tentar fugir das certezas e das garantias que a religião, a ciência, a antropologia, a genética, a biologia se estruturam.

Hall termina seu texto um tanto desiludido e desapontado por não conseguir vislumbrar a possibilidade de raça ser entendida apenas como um significante flutuante e discursivo.

Embora o conceito de raça não possa desempenhar a função que lhe é solicitada – prover a verdade fixando-a sem sombra de dúvidas – é difícil livrar-se dele porque é muito difícil para as linguagens sobre raça funcionarem sem qualquer tipo de garantia fundacional. O que estou dizendo aqui, sobre essa necessidade, não é um argumento teórico, ou não apenas. É um argumento político, porque tanto a política de raça, quanto a de antirraça estão fundadas na noção de que de alguma maneira, em algum lugar, seja através da biologia, ou da genética, ou da fisiologia, da cor, ou algo que não seja a história e cultura humanas, há uma garantia de verdade e autenticidade das coisas nas quais acreditamos e que queremos fazer. É a busca da garantia, tanto na política antirracista quanto na política racista, que nos vicia na preservação do traço biológico. (HALL, 2014, p.8)

É diante dessa impossibilidade de abandonar perspectivas deterministas – que geram preconceitos – sobre raça que acredito que, a performance surge como uma força desestabilizadora. É nesse sentido que compreendo a dupla prática de *passing*, por que não dizer performance, do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, como uma crítica política e cultural à sua época. Um texto, sobre um homem afro-americano, que passa por branco, e que também se encena por meio de uma genuína autobiografia negra. Entendo que há uma dupla camada crítica no ato autobiográfico desenvolvido no romance. De um lado, ao apresentar uma identidade racial construída discursivamente e flutuante, Johnson estaria criticando o sistema de segregação racial norte-americano, que lança um raciocínio biológico e naturalizado sobre a questão racial. De outro, ao ironizar ou parodiar o gênero textual, pelo qual está se passando, o autor estaria discordando dos próprios escritos autobiográficos de ex-escravos que, ao escreverem com um viés político racista, acabam por favorecer a manutenção das fronteiras, que advogam a pureza das raças. Ao transgredir e contaminar, tanto as margens do gênero textual, quanto as bordas da segregação racial, o romance de James Weldon Johnson adquire uma preocupação mais ligada à descrição e problematização cultural e sócio-histórico do momento em que escreve. É sobre essa perspectiva que discutimos, no próximo capítulo, onde definimos o que entendemos por “autobiografia cultural”.

“Autobiografia cultural”: um conceito alternativo

Antes de dar continuidade à leitura e discussão crítica do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, faz-se necessária uma breve pausa para alguns esclarecimentos.

Em primeiro lugar, o termo “autobiografia cultural” surge aqui como sugestão e desenvolvimento de uma leitura alternativa do romance de James Weldon Johnson. Isto é, a minha proposta não é reivindicar a “descoberta” de um “novo gênero literário”, mas de apresentá-lo como um conceito alternativo que possibilite a leitura do romance por um viés cultural, interessado em não reiterar identidades estáveis e, ao mesmo tempo, fortalecer a percepção de identidades como processos fluidos e contínuos, pautados por multiplicidades e hibridismos. Ainda em relação a isso, vale frisar que, ao mesmo tempo que não tenho a intenção de assegurar a invenção do conceito, também não tenho o intuito de que o mesmo reforce ou se cristalize como um gênero literário.

A minha segunda ressalva amplifica meu argumento para a não fixação de um novo gênero literário. Como procurei mostrar no primeiro capítulo, o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* é uma obra camaleônica em termos narrativos. Ela apresenta-se como uma hibridização entre autobiografia, ficção, memória, etnografia, o que a coloca num entre-lugar genérico. A proposta alternativa de leitura, através do conceito “autobiografia cultural”, é nesse sentido uma busca pela explicitação que, se durante algum tempo os gêneros eram sistematizados pela formação de pares binários e contrastantes, a nova “lei” de gênero é “precisely a principle of contamination, a law of impurity, a parasitical economy” (DERRIDA, 1981, p.55).²¹

O terceiro ponto, que gostaria de destacar, é um desdobramento da constatação de que um gênero formado por um princípio de contaminação e hibridização. Nesse caminho, o conceito de “autobiografia cultural” surge do

²¹ Precisamente um princípio de contaminação, uma lei de impureza, uma economia parasitológica. (tradução minha)

aproveitamento da discussão, que propusemos em torno de cada uma das teorizações, sobre as escritas de construção de *selves* apresentadas na primeira parte desta dissertação. Ao mesmo tempo em que negamos algumas das proposições dos teóricos discutidos, fazemos uso das colocações que favorecem a construção do conceito “autobiografia cultural”.

Assim, consideramos, em primeira instância, “autobiografia cultural” como uma escrita de construção de *selves*, que comporta tanto os relatos ligados ao “real”, quanto o caráter ficcional de determinada vida. Assumimos ainda, que se trata de um ato autobiográfico, que abarca a performatização de uma identidade e sua relação dialógica, comunicacional e coletiva com outras identidades.

Um conceito que pode ser considerado vizinho ao conceito de “autobiografia cultural” e nos ajuda a melhor desenvolvê-lo, é o termo autoetnografia. A seguir, apresento uma aproximação crítica do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*, com diversos usos desse termo, para mais adiante explicar como entendo o romance de Johnson a luz do conceito de “autobiografia cultural”.

3.1

Autoetnografias – um caminho para conceituar “autobiografia cultural”

Em seu livro *Autoetnografias – conceitos alternativos em construção*, a professora e crítica da literatura Daniela Beccaccia Versiani apresenta como o conceito de autoetnografia vem sendo utilizado, no campo da antropologia e no campo dos estudos literários, principalmente quando é aproveitado e inserido em discussões sobre escritas de construção de *selves*. A autora pretere o uso da hifenização da palavra (auto-etno-grafia), como explica Heidrun Krieger Olinto na apresentação do livro:

A revisão crítica de paradigmas clássicos, legitimados pela marca da discriminação que respeita os limites dos territórios particulares da consciência de si, da consciência do outro e da forma de sua escrita, culmina assim no questionamento destes pela fórmula radical da autora: *autoetnografia*. Nesta tradução o mito da integridade do *self* é afrontado pela cacofonia de múltiplas vozes sem síntese; a descrição do outro como objeto é substituído pelo diálogo interminável e tenso entre subjetividades distintas e a escrita, de modo geral, vista como reprodução transparente de realidades exteriores, é questionada a favor de seu estatuto performático de evento. (OLINTO, 2005, p.13)

Versiani reflete sobre a problematização do conceito autoetnografia, através da leitura crítica, que realiza da coletânea de textos organizada pela antropóloga Deborah E. Reed-Danahay (1997), intitulada *Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social*. A partir dessa leitura, a pesquisadora traça, em consonância ao que Reed-Danahay propõe na introdução da coletânea, uma sistematização histórica dos usos e das definições do termo na antropologia e nos estudos literários.

A primeira referência do campo antropológico abordada, data do ano de 1975, quando Karl Heider chamou de “auto-etnografias os relatos de sessenta crianças de uma escola elementar que responderam a um questionário sobre suas atividades habituais” (VERSIANI, 2005, p.101). Em 1979, David Hayano utiliza o termo para designar o estudo feito por um antropólogo sobre seu próprio povo, o que se diferencia do trabalho do antropólogo tradicional, que trabalha preferencialmente com um grupo ao qual não pertence. A próxima aparição destacada pela autora é de 1987, quando a antropóloga Marilyn Strathern usa o termo “auto-antropologia”, para destacar a antropologia feita no próprio contexto social que a produz, e assim, marca a diferenciação entre o antropólogo *insider* e o antropólogo *outsider*. Será no ano de 1995 que John Van Maanen apresentará quatro tipos de etnografias alternativas à tradicional etnografia realista: “etnografias confessionais, cujo foco é o etnógrafo ao invés dos nativos, etnografias dramáticas, etnografias críticas e, por fim, as *self* – ou auto-etnografias, nas quais, (...) o foco principal é a cultura à qual o antropólogo pertence” (VERSIANI, 2005, p.102).

Ainda nos usos dados ao termo pela antropologia, Versiani destaca o trabalho de Stanley Brandes, de 1982, que, ao utilizar relatos de vida, como material de análise, diferenciou dois tipos: “as autobiografias etnográficas escritas por membros de uma dada cultura sem treinamento antropológico, e autobiografias antropológicas, nas quais o antropólogo escreve sobre si mesmo” (VERSIANI, 2005, p.102). A última referência do termo, usada por um antropólogo, traz como principal característica o fato do escritor de autoetnografias não adotar a postura

objetiva de *outsider*, isto é, incluir suas experiências pessoais, tanto ao escrever biografias, quanto etnografias. Tal perspectiva é apresentada por Norman Denzin em 1986.

Continuando a atividade de mapeamento dos usos do termo autoetnografia, a pesquisadora refere-se às contribuições de Alice Deck, em 1990, como um primeiro momento de aparição, dentro do campo dos estudos literários. Deck estabelece uma distinção entre “relatos de campo auto-reflexivos” e “auto-etnografias”.

Nos “relatos de campo auto-reflexivos”, o antropólogo/autor estabelece uma hierarquia de vozes e recorre a outras fontes históricas e a antropólogos *outsiders* para confirmar a voz do nativo e conquistar autoridade para sua própria voz. Já no caso das autoetnografias, essa autoridade fundamenta-se no próprio *status* do antropólogo, que é também um nativo. (VERSIANI, 2005, p.103)

O segundo autor proveniente do campo literário é Philippe Lejeune, para quem “a figura do etnógrafo não-nativo não é confiável” (VERSIANI, 2005, p.103). Ou seja, ele enfoca a questão da autoridade do antropólogo *outsider*, dizendo que apenas o *insider* é capaz de produzir um discurso de legitimidade.

Os dois últimos autores apresentados se aproximam do termo a partir de perspectivas marcadamente políticas. Mary Louis Pratt, em 1992, chama de autoetnografias “formas de escrita de autores identificados com grupos minoritários que escrevem sobre sua própria cultura com o propósito de serem lidos pelo grupo dominante” (VERSIANI, 2005, p.103). Na mesma perspectiva de autoetnografias, como um discurso alternativo ao produzido pela metrópole, John Dorst desenvolve seus argumentos. Ele considera autoetnografias não apenas produções escritas, mas também produtos artesanais.

Após trazer esse breve histórico apresentado por Deborah E. Reed-Danahay, Daniela Beccaccia Versiani desenvolve a leitura dos nove capítulos que constituem a coletânea, nos quais nove antropólogos refletem sobre o uso do termo autoetnografia. Em sua leitura, Versiani aponta algumas das problemáticas relacionadas aos diferentes usos dados ao conceito e sugere novas contribuições. Apoiado nas leituras de Versiani, buscarei relacionar as discussões desenvolvidas por alguns desses antropólogos, em torno do termo autoetnografia, a elementos encontrados no romance *Autobiografia de um Ex-Negro*.

A primeira antropóloga a constar na coletânea, Kay B. Warren²², discute a força das narrativas de testemunho como meio de resistência política. Warren desenvolve seu texto a partir da análise da obra do escritor e antropólogo guatemalteco Victor Montejo, o qual, junto com uma série de outros intelectuais da Guatemala, oferecia em suas narrativas, imagens alternativas àquelas construídas pelos colonizadores sobre o país. Segundo Warren, “Montejo cria um tipo de escrita coletiva que é uma contribuição ao gênero testemunho porque não é concebida como a narrativa de um único sobrevivente da violência, mas como um testemunho multivocal do horror” (VERSIANI, 2005, p.108). Versiani sumariza que no ensaio de Kay B. Warren

o conceito de autoetnografia é utilizado para se referir a testemunhos coletivos e multivocais. Também é compreendido como “zona de contato”, não apenas entre gêneros autobiográfico e etnográfico, mas zona de contato entre testemunhos e narrativas de *selves* com diferentes posições sociais, zona de contato entre o coletivo e o individual, entre o antropólogo e os etnografados, e entre a dupla posição do antropólogo como *insider/outsider*. (VERSIANI, 2005, p.114)

Podemos dizer que o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* também se constrói como um testemunho coletivo e multivocal do momento histórico que os Estados Unidos estavam passando. Há também zona de contato entre o autobiográfico e o etnográfico, entre testemunhos e narrativas de sujeitos de posições sociais diferentes. Numa passagem em que o narrador personagem descreve uma viagem de trem de Nashville a Atlanta, ele relata a reunião de cerca de doze homens, com opiniões diferentes sobre a questão racial norte-americana. Ele descreve como cada um se posicionava diante dessa problemática.

Na discussão sobre os problemas raciais, a diplomacia do judeu era algo de se admirar: ele tinha a habilidade de concordar com todos sem perder a simpatia de ambos os lados. Dizer-se favorável à opressão ao negro seria, para ele, aprovar que se fizesse o mesmo com os judeus, além de colocá-lo como alvo dos ataques do soldado, o qual defendia firmemente a ideia de direitos e oportunidades iguais para todos; mesmo assim, a tradição e os instintos de negociante diziam-lhe que, quando em Roma, deve-se agir como os romanos. Sua posição era delicada e dei-lhe todo o crédito por sua habilidade em mantê-la intacta. O jovem professor era apologético. Ele tinha os mesmos pontos de vista do membro do G.A.R, mas um ano no Sul abriu os seus olhos, e ele confessou acreditar que o problema

²² WARREN, Kay B. “Narrating Cultural Resurgence: Genre and Self-Representation for Pan-Mayan Writers”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the culture**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp.21-46.

difficilmente seria conduzido de forma melhor que a adotada pelos brancos sulistas. Ao ouvir isso, o soldado respondeu, com certa rudeza, que ele havia passado dez vezes mais tempo no Sul que o rapaz e podia compreender facilmente como a necessidade manter o emprego em uma instituição pública no Alabama era capaz de mudar as convicções de um homem. O professor ficou muito vermelho e não teve mais nada a dizer. O texano, por sua vez, era inflamado, eloquente e vulgar em seus argumentos e, no geral, havia uma lógica direta, bastante convincente, no que ele dizia; apenas assumindo um tom superior, lidando com o que os sulistas chamam de “teorias”, é que se podia combatê-lo. (JOHNSON, 2010, p.136-137)

É na incorporação das diversas e contrastantes posições de outros personagens, e de outras vozes testemunhais, que o narrador-personagem vai tecendo seu relato sobre o aspecto sociocultural americano do momento. Ele não exclui posicionamentos que contradizem o seu projeto. Pelo contrário, ele reflete sobre essas opiniões, em busca de desenvolver a sua “autobiografia cultural”. Ou ainda, podemos dizer que ele constrói sua subjetividade à medida em que está recolhendo subjetividades alheias.

O segundo ensaio da coletânea traz a discussão estabelecida por David A. Kideckel²³. Ele trabalha com publicações etnográficas romenas escritas nos anos da ditadura de Nicolau Ceausescu. Como argumenta Versiani, essas etnografias são frutos de um processo de descoberta etnográfica, e são produzidas na tensão entre os contextos de saber público e de saber privado, uma vez que são escritas por indivíduos do povo, num momento em que é difícil distinguir entre o discurso público e o privado. Ela destaca, por fim, no trabalho de Kideckel, a possibilidade de autoetnografias funcionarem como processos discursivos alternativos aos discursos histórico e/ou antropológico oficiais.

Mais uma vez, se pensarmos no romance *Autobiografia de um Ex-Negro* podemos estabelecer conexões interessantes. O narrador-personagem é um indivíduo do povo, sem instruções formais para a construção do relato que desenvolve. Além disso, a autobiografia desse narrador anônimo também se inscreve entre a tensão do que deve ser mantido em segredo, e do que pode vir a público. É nesta perspectiva, tendo em mente as restrições do momento histórico da lei Jim Crow, em que o livro foi escrito e publicado, que podemos entender o

²³ KIDECKEL, David. A. “Autoethnography as Political Resistance: a Case from Socialist Romania”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 47-70.

romance como um discurso alternativo à asfixia dos relatos legitimados pelos poderes oficiais da época.

Birgitta Svensson²⁴ discute o termo autoetnografia, a partir de um interesse sobre a constituição de identidades no contexto de um sistema prisional. Segundo Versiani, Svensson “procura tornar visíveis os diferentes discursos ideológicos em concorrência na constituição e atribuição de identidades pessoais no contexto do sistema penitenciário sueco” (VERSIANI, 2005, p.121). Por meio de entrevistas realizadas com presidiários suecos, Svensson realiza um estudo comparativo entre as biografias escritas pelos próprios encarcerados e os relatos registrados pelos agentes do presídio. Nesse trabalho, ela observa que as biografias feitas pelos presos são frutos de um processo de formação de identidade, que depende do entrelaçamento entre a história contada pelos outros sobre o *self* e a narrativa contada do *self* sobre si mesmo. Ou como escreve Versiani,

a cristalização da ‘identidade criminosa’ do interno é resultado de um processo que começa com a segregação, passa pela sistematização de sua história de vida a partir de uma biografia estereotipada feita pelo grupo de especialistas, que enfatiza dados pessoais que justificam seu encarceramento, ou seja, pelo que chama de *processo de objetivação*, e pela narrativa do próprio detento que, em diferentes graus, reitera essa biografia estereotipada, ou seja, pelo que chama de *processo de subjetivação*. (VERSIANI, 2005, p.131)

Dentro desse aspecto, podemos voltar à constatação de Laing, desenvolvida no segundo capítulo desta dissertação. Laing argumenta que a identidade é fruto de inúmeros processos de interação entre o *self* e seus interlocutores. Em outras palavras, a identidade, como substrato de processos discursivos intersubjetivos, exige sempre um outro, através do qual ela pode ser ou não efetivada. Assim como na situação observada por Birgitta Svensson, a subjetividade adquirida pode ser uma subjetividade indesejada. Como mostrei também no capítulo dois, o narrador-personagem de *Autobiografia de um Ex-Negro* se molda subjetivamente a partir das relações que desenvolve com outros sujeitos em sua jornada. Desde o ato de segregação praticado pela professora, ainda nos primeiros anos de sua adolescência, passando pela sua viagem pelo Sul dos Estados Unidos (principalmente pela cena

²⁴ SVENSSON, Birgitta. “The Power of Biography: Criminal Policy, Prison Life, and the Formation of Criminal Identities in the Swedish Welfare State”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 71-106.

da cremação do negro) e pela Europa, até o momento em que resolve viver como branco, é na relação com os outros sujeitos que o rodeiam, que o narrador apreende e desenvolve sua própria identidade.

Henk Driessen²⁵, quarto antropólogo a constar da coletânea, trabalha com escritos “etno-biográficos” que ultrapassam os acontecimentos de uma vida pessoal. Daniela Beccaccia Versiani chama atenção para o fato de Driessen também atribuir “status etnográfico a escritos autobiográficos, subscrevendo-os como importantes fontes adicionais de informações para o estudo dos processos de formação identitária” (VERSIANI, 2005, p.141). Driessen desenvolve seu ensaio através de uma análise comparativa das trajetórias pessoais de dois cantores populares, Lounes Matoub e Djura, nascidos na Djurdjura, Argélia, e radicados na França. O pesquisador utiliza a expressão “*insider's outsiders*” para se referir à posição dos dois cantores, em relação aos seus sistemas culturais: eles estariam ao mesmo tempo dentro e fora do seu sistema cultural, ou podemos dizer, num entre-lugar cultural. Segundo Versiani, Driessen fundamenta-se

em uma perspectiva teórico-crítica que analisa fenômenos de construção identitária pessoal e coletiva de modo complexo, apontando as particularidades das trajetórias de cada um dos cantores, suas respectivas localizações socioculturais, o sistema de valores políticos e religiosos que cada um deles adotou para si, e os fatores que, segundo ele, teriam sido importantes para a formação de suas identidades pessoais. (VERSIANI, 2005, p.142)

Driessen apresenta uma análise que enfoca a construção identitária pessoal enquanto múltipla e ambígua, a qual, ao estar situada em um entre-lugar cultural, permite que, ambos os cantores, ocupem um espaço de mediação entre “o global e o local, entre diferentes sistemas relativos à cultura, à religião, à política, ao gênero, e à adoção ou renúncia a valores ocidentais e não-ocidentais” (VERSIANI, 2005, p.145).

Como vem sendo discutido ao longo da dissertação, reflito sobre a trajetória do narrador-personagem de Johnson como uma construção identitária complexa, que se apresenta de forma ambígua, muitas vezes, como um *insider* da cultura negra e outras como um *outsider*. Usando desse jogo mediador, podemos dizer que ele

²⁵ DRIESSEN, Henk. “Lives Writ Large: Kabyle Self-Portraits and the Question of Identity”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 107-122.

age como um intérprete das culturas, posicionando-se criticamente perante o sistema de segregação racial vigente, no início do século XX, nos Estados Unidos.

O quinto ensaio da coletânea é escrito por Deborah E. Reed-Danahay²⁶, que aproxima a obra de Pierre-Jakez Hélias e Emilie Carles para examinar questões de identidade cultural e deslocamentos. Ela observa em ambas as obras uma combinação entre autobiografia, memórias da infância e etnografia. Versiani argumenta que para Reed-Danahay

o conceito de autoetnografia se constrói a partir de uma série de ambiguidades, entre as quais a posição do autor de autoetnografias como um *insider/outsider* (nativo/estrangeiro) ou para utilizar sua terminologia, como uma “identidade bicultural”, o saber do etnógrafo tradicional, fundamentado na sua posição de *outsider* (estrangeiro) que confirma seu conhecimento sobre outra cultura pela validação de outros antropólogos, é abalado. (VERSIANI, 2005, p.149)

Entre as ambiguidades constituintes do termo destacam-se: uma ligação entre o particular e o coletivo, através de determinados elementos narrativos; o autor da narrativa e o objeto narrado são os mesmos; os gêneros autobiografia e etnografia são sobrepostos; e uma reconfiguração dos papéis: “enquanto em sua concepção tradicional o etnógrafo traduz uma ‘cultura estrangeira’ para uma audiência nativa, o autoetnógrafo supostamente traduziria uma cultura nativa para uma audiência estrangeira” (VERSIANI, 2005, p.150). O trabalho de Reed-Denahay reflete, portanto, não apenas sobre a conceitualização do termo autoetnografia, mas também sobre a incidência de tal conceito dentro do campo antropológico: como ele interfere nos modos tradicionais de escrever um relato etnográfico.

Podemos dizer que em *Autobiografia de um Ex-Negro* observamos essas ambiguidades constituintes do conceito de autoetnografia, como define Reed-Denahay. A descrição de Johnson oferece uma ligação entre o particular e o coletivo, o narrador-personagem apresenta o modo de vida dos negros americanos, após a Guerra de Secessão, ao mesmo tempo em que nos fala sobre acontecimentos de uma vida em particular, de sua própria vida. Nesse sentido, voltamos à natureza genérica múltipla que evidenciamos no primeiro capítulo. Há uma sobreposição entre etnografia, autobiografia e ficção. Ao mesmo tempo em que o narrador fala

²⁶ REED-DANAHAY, Debora. “Leaving Home: Schooling Stories and the Ethnography of Autoethnography in Rural France”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 123-144.

do seu próprio objeto (sua construção identitária), ele apresenta também o contexto sociocultural em que se localiza. É por esse caráter complexo que o narrador-personagem funciona como um intérprete da sua cultura nativa, para uma audiência estrangeira. Como destacam os editores no prefácio da primeira edição “ao leitor é apresentada a vida do negro na América a partir de um olhar interno à questão; ele é iniciado na ‘maçonaria’ da raça” (Autobiografia de um Ex-Negro, 2010, p.183). O narrador desenvolve sua construção identitária à medida em que vai apresentando seus diversos deslocamentos espaciais, abordando, nessa trajetória, toda a configuração sociocultural que o permeia.

Alexandra Jaffe²⁷, por sua vez, estuda o contexto literário còrsico, examinando “a tensão e interação entre o individual e o social em estudos còrsicos sobre o *self*, enfatizando as relações entre as políticas de representação coletivas e as políticas de representação do *self*” (VERSIANI, 2005, p.158). Jaffe enfoca dois aspectos constituintes do ambiente literário da Córsega: o primeiro, relaciona-se à expectativa dos leitores, os quais esperam sempre que escritor còrsico desenvolva um texto com a afirmação de uma identidade còrsica, isto é, exigem uma autenticidade e uma representatividade culturais; o segundo aspecto, trata-se das estratégias de produção adotadas por autores còrsicos, que apresentam algum conflito com essas expectativas. Para Jaffe, essa pressão social e política, exercida sobre o escritor còrsico, acaba por muitas vezes obscurecendo a complexidade de identidades múltiplas e ambíguas, de identidades minoritárias. Versiani destaca que em seu ensaio Alexandra Jaffe

ênfatiza a pressão exercidas pelas políticas “de representação” coletiva sobre as escritas “de representação” do *self* em contextos de literatura de minorias, atrelando os processos de produção e recepção de textos a uma série de expectativas recíprocas que, no seu entender, submetem a identidade do *self* à identidade coletiva e todas as possibilidades interpretativas a apenas uma: aquela que também associa a identidade do *self* à identidade coletiva. (VERSIANI, 2005, p.162)

Uma observação de Daniela Beccaccia Versiani, ao ensaio de Jaffe, faz-se muito pertinente nesse contexto. Jaffe destaca que, a força política “de representação” coletiva sobre as escritas “de representação” de uma identidade

²⁷ JAFFE, Alexandra. “Narrating the ‘I’ versus Narrating the ‘Isle’: Life Histories and the Problem of Representation on Corsica.” In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 145-168.

minoritária, leva a uma leitura que só interpreta a constituição da identidade do *self* atrelada à identidade coletiva. Versiani argumenta que, quando se pretende apresentar uma leitura que enfatize a complexidade do *self* como alternativa às políticas de leitura unívocas vigentes, não é aos textos que devemos atribuir essa possibilidade: “É preciso reconhecer essa alternativa como resultante das nossas próprias perspectivas teórico-críticas e epistemológicas” (VERSIANI, 2005, p.168). Isso retira do texto qualquer pretensão de imanência interpretativa. Em outras palavras, um texto manifesta o que nossas ferramentas permitem-no e fazem-no dizer.²⁸

Dentro dessa perspectiva, vale reafirmar que o conceito de “autobiografia cultural”, com o qual busco ler o romance de James Weldon Johnson, é uma ferramenta teórico-crítica, que pretende enfatizar a complexidade do *self* do narrador-personagem do romance e assim, apresentá-lo como um caso particular de escrita de construção de *self*. Na seção a seguir, apresento minha leitura de *Autobiografia de um Ex-Negro* à luz desse conceito.

3.2

A cultura americana sob os olhos de uma identidade migrante

No já referido livro *O Atlântico Negro*, Paul Gilroy (2012) desloca a visão essencialista que encarcera a força identitária negra na África, isto é, num suposto lugar de origem. Ele propõe que tal força estaria na prática migratória forçada dos negros, no trânsito por eles realizados, colocando de certo modo o Oceano Atlântico

²⁸A coletânea de ensaios organizado por Deborah Reed-Danahay e lida por Daniela Beccaccia Versiani é composta ainda de mais três ensaios que constituem a última parte da coletânea intitulada *Voice, Self-representation and Genre*. Trata-se de “três ensaios auto-reflexivos nos quais os atores apresentam suas próprias trajetórias pessoais, relacionando seu trânsito por diferentes grupos (étnicos, religiosos, de classe, de gênero, etc.) aos pressupostos teóricos e críticos que subscrevem enquanto antropólogos e pesquisadores” (VERSIANI, 2005, p.169). Por se tratam de ensaios em que o termo autoetnografia é utilizado como proposta metodológica e metateórica através do qual seus autores refletem sobre as motivações que os levaram a construir seus objetos de estudo, suas pesquisas e produção de escritos, não apresentamos a leitura aproximativa com o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* de James Weldon Johnson.

(por isso o título do livro) como instância multiplicativa da potência da “cultura negra”.

O narrador-personagem de *Autobiografia de um Ex-Negro* narra a sua busca por uma identidade, como uma prática migratória, na qual, pelas possibilidades fenotípicas da sua cor de pele, ele consegue aproximar-se tanto do espaço e da cultura dos negros, quanto do espaço e da cultura dos brancos. A versão brasileira do romance, diferentemente da versão americana, traz nas páginas iniciais do livro o mapa abaixo, que ilustra a dinâmica jornada migratória do narrador-personagem, em busca de construir sua própria identidade.

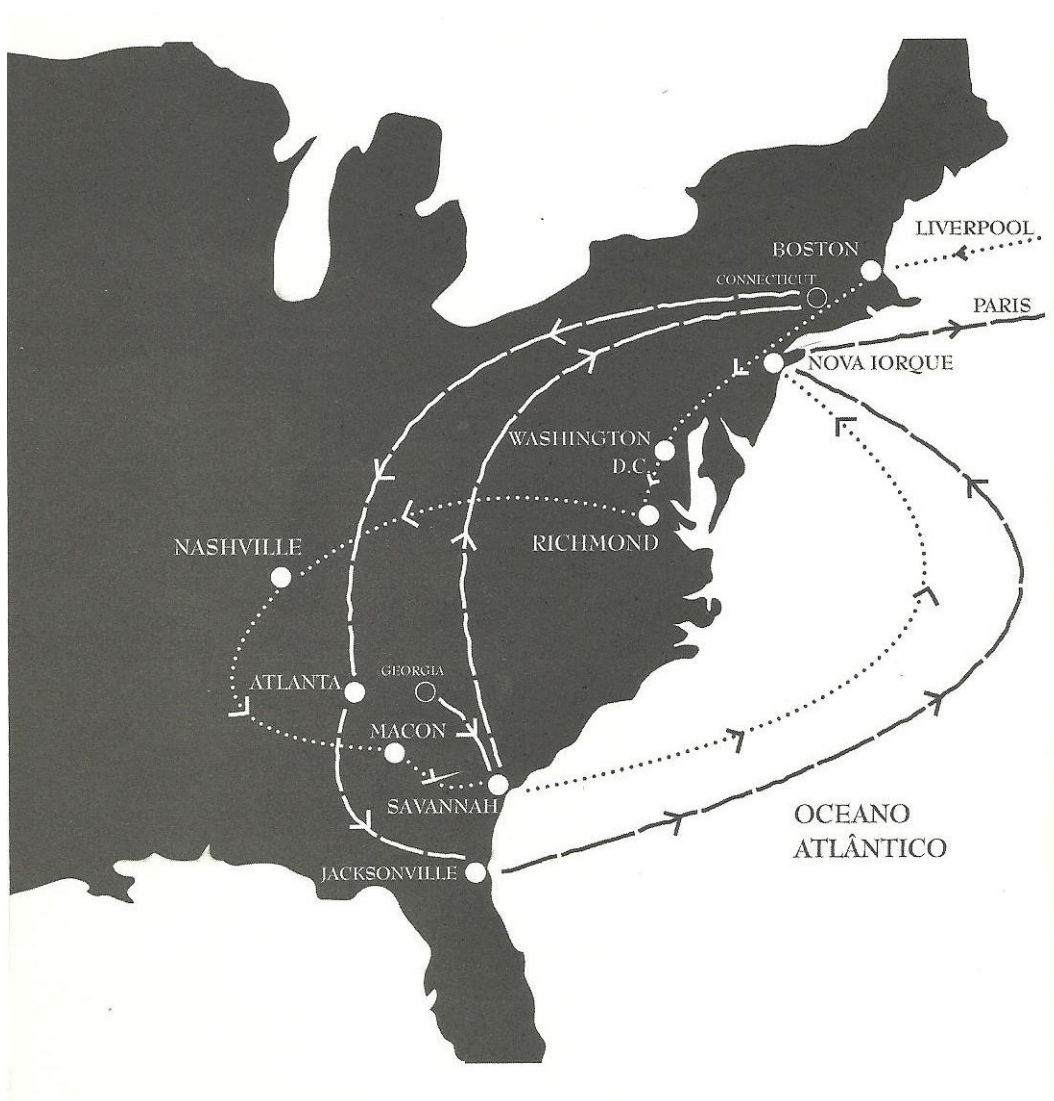


Figura 1- A trajetória do “ex-negro”²⁹

²⁹ JOHNSON, J.W. *A trajetória do “ex-negro”*. Porto Alegre: 8Inverso, 2010, p.4.

Observando as idas e vindas, dentro do território americano e também ao continente europeu, desenhadas no mapa, é possível notar a diferenciação entre duas formas de marcar o traçado percorrido: uma composta por traços contínuos e outra por traços pontilhados. A diferenciação ilustra os variados momentos do jogo performático do narrador personagem. Nesse sentido, os traços contínuos representam as viagens feitas como um sujeito identitariamente negro. Por sua vez, os traços pontilhados expressam o oposto, as viagens em que ele se encena como um branco.

Esse dinâmico processo percorrido pelo narrador-personagem é, como demonstrei no segundo capítulo da dissertação, uma busca para se construir identitariamente – é no jogo de aproximação e distanciamento com as culturas branca e negra, que o narrador vai construindo e aperfeiçoando suas facetas identitárias. De episódio em episódio, ele testa e adapta diferentes versões identitárias, ao mesmo tempo em que vai mudando a sua lente focal sobre as identidades e comunidades pelas quais transita. Assim, se por um lado, através dos deslocamentos, o narrador relata suas novas “aquisições” identitárias (como descrevi no capítulo anterior), por outro, deixa entrever o múltiplo contexto cultural e sócio-histórico no qual e sobre o qual Johnson escreve.

Ao observar cidadãos negros em Atlanta e Jacksonville, o narrador personagem, como um etnógrafo, utiliza-os não só para construir sua identidade, mas também desenvolve um estudo taxonômico, que tenta dar conta do modo como eles se relacionam. Em sua curta passagem pela Universidade de Atlanta, ele descreve os “tipos” das pessoas que o rodeavam:

Percebi que vários professores eram de cor. O reitor fez um discurso voltado principalmente aos recém-chegados, mas pouco ouvi o que ele disse, pois estava muito ocupado em observar os que estavam à minha volta. Eles eram de todos os tipos e cores, os de aparência mais inteligente predominavam. As cores iam do negro mais escuro ao branco mais brilhante, com cabelos loiros e olhos claros. (...) Entre os rapazes, muitos dos que tinham pele mais escura eram modelos perfeitos de juventude – altos, eretos e musculosos, com porte altivo; esses eram o tipo de rapazes que se tornavam o tipo patriarcal do “pai negro” do antigo regime escravocrata. (JOHNSON, 2010, p.56-57)

De modo semelhante, mais adiante, em seu relato, quando já se encontra em Jacksonville, onde trabalhava numa fábrica de charutos, ele expõe sua leitura das três classes de negros. Essa leitura é fruto de suas observações nas relações entre

brancos e negros e poderia ser aplicada com algumas diferenças a qualquer comunidade sulista (JOHNSON, 2010, p.69). A primeira classe é a que o narrador-personagem chama de *desesperados*,

os homens que trabalham em madeireiras e na fabricação de terebintina, os ex-detentos, os vagabundos espalhados pelos bares, estão todos nessa classe. Eles conformam-se com as exigências da civilização tanto quanto um leão treinado, com rugidos roucos e abafados, executa sua rotina ao som do chicote do domador. Nutrem um ódio amargurado e mudo por todos os homens brancos, e dão pouco valor à vida. (JOHNSON, 2010, p.69)

O narrador ressalta que essa classe é a minoria da divisão entre os negros, mas, em geral, é a que domina a opinião pública em seu imaginário sobre a raça. Assim, podemos dizer que o racismo, como prática generalizadora, acaba por tomar apenas essa classe como constituinte da diversidade de homens negros em uma comunidade.

Sob o ponto de vista da relação entre negros e brancos, a segunda classe é formada “pelos criados, as lavadeiras, os garçons, os cozinheiros, os condutores e todos os que se relacionam com os brancos ao servi-los no cotidiano doméstico” (JOHNSON, 2010, p.70). O narrador destaca que, entre esta classe e os brancos há pouco ou nenhum atrito, e por isso, eles são tidos como a conexão entre brancos e negros. Eles

podem ser retratados como simples, dóceis e leais, nem sempre perfeitos em seus pensamentos, mas intensamente religiosos e relativamente – tais questões devem sempre ser analisadas relativamente – tão honestos e íntegros em suas vidas quanto qualquer outra classe da sociedade. (JOHNSON, 2010, p.70-71)

Na descrição do narrador, “a terceira classe é composta de trabalhadores independentes e negociantes, bem como dos homens de cor bem-sucedidos e escolarizados” (JOHNSON, 2010, p.71). Por outras razões, assim como os membros da primeira classe, esta classe também se mantém afastada dos brancos. “Essas pessoas vivem em um pequeno mundo só delas; em verdade, eu concluí que se um homem de cor quer se afastar de seus vizinhos brancos, o que ele tem que fazer é conseguir algum dinheiro, educação e cultura, e seguir as regras” (JOHNSON, 2010, p.71).

Através desse breve estudo sociológico dos negros do sul dos Estados Unidos, realizado pelo narrador do romance de Johnson, podemos tocar um ponto chave da discussão de Stuart Hall sobre o conceito de raça. Raça é tido no senso comum como algo homogêneo, que não comporta particularidades, mas o que o narrador-personagem relata é que há entre toda a raça negra inúmeras possibilidades identificatórias. Ou seja, não se deve julgar uma pessoa pelo simples fato de ela poder ser classificada dentro de uma homogênea categoria, é preciso ver suas particularidades em cada um dos contextos em que esse sujeito circula.

Ao descrever tais configurações sociológicas, o narrador-personagem apresenta, de certa maneira, uma observação sobre o caráter cultural da sua época, e ao mesmo tempo, opera uma crítica fortemente política ao sistema de segregação racial, que vigorava nos Estados Unidos até o momento em que o livro foi publicado pela primeira vez.

O narrador continua seu relato sobre a última classe de negros e destaca que:

Essas pessoas têm seus bailes e jantares e festas, seus saraus e suas sociedades literárias. As mulheres frequentam eventos sociais vestidas com elegância e os homens, com seus próprios *smokings*. O leitor cometerá um erro se confundir esses divertimentos com os “Bellman’s Balls” e “Whitewasher’s Picnics” e “Lime Kiln Clubs” com os quais a imprensa humorística do país ilustra a “Cullud Sassietty”. (JOHNSON, 2010, p.74)

Nessa passagem, o narrador chama a atenção do leitor, para que este não confunda as festas dos negros com o modo irônico com o qual um segmento da imprensa americana retratava esses eventos, já que tanto o termo, quanto o modo utilizado, visavam diminuir a importância da nova classe emergente de negros bem-sucedidos. Embora não se trate da autobiografia “verdadeira” de James Weldon Johnson, *Autobiografia de um Ex-Negro* incorpora criticamente suas observações sobre o contexto cultural norte-americano, do início do século XX.

Em seu caminho migratório, o narrador-personagem chega a Nova-Iorque. Lá, possibilitado pelas suas especificidades, passa a circular entre o universo das pessoas brancas. É nesse momento, que o narrador tece algumas observações sobre o mundo dessas pessoas. Contratado por um milionário, o narrador assume o papel de um curioso observador, enquanto toca piano na festa oferecida por seu patrão:

Conforme os convidados começaram a prestar menos atenção em mim, pude observá-los mais atentamente. Os homens variavam da aparência jovial e quase feminina de um rapaz aos cabelos brancos e ar sério de um senhor que todos tratavam de Juiz. Nenhuma das mulheres parecia ter mais de trinta anos, e todas elas eram muito atraentes. Não demorou muito para eu descobrir que todas eram decididamente *blasés*. Muitas delas fumavam cigarros com uma graça descuidada, mostrando terem o hábito há muito tempo. Ocasionalmente, um palavrão escapava dos lábios de alguma delas, mas de uma forma tão charmosa a ponto de desaparecer toda a vulgaridade. (JOHNSON, 2010, p.103-104)

Marcado como uma voz que se apresenta identitariamente como migrante e em constante deslocamento, o narrador de *Autobiografia de um Ex-Negro* transita entre diferentes universos culturais, de modo que a cada processo performático de identificação, a(s) sua(s) identidade(s) transborda(m) para uma perspectiva coletiva. Daniela Beccaccia Versiani ao ler a obra *Crítica da modernidade* de Alain Touraine, fala em consonância com ele da perda de espaço em teorizações da literatura da figura do estrangeiro. Em seu lugar, estaria ganhando força a figura do migrante, “aquele que carrega às costas seu farnel de lembranças e identificações, seus desejos e projetos, sua herança cultural” (TOURAINÉ *apud* VERSIANI, 2005, p.218). Para Versiani essa nova configuração ocorre porque

(...) a figura do estrangeiro, por construir-se a partir da articulação do par dicotômico eu/outro, acaba por limitar a análise dos processos de identificação a um momento pontual: o momento em que se estabelece a diferença eu/outro, estrangeiro/autóctone. Já o migrante, aquele que está em constante deslocamento (...) permite, e ao mesmo tempo impulsiona, a criação de um instrumental teórico que procura dar conta, a um só tempo, dos processos e intuições culturais, que ocorrem sincrônica e pontualmente, bem como do desenrolar diacrônico destes mesmos processos. (VERSIANI, 2005, p.218)

A proposta é, então, perceber a identidade como uma construção em movimento, buscando entender determinados momentos de identificação dentro de um processo, que continuará e se alternará. Refleti sobre isso quanto tratei da construção identitária do narrador-personagem de Johnson: destaquei relatos de “memória” da trajetória individual e das identificações sucessivas do narrador, que tornaram visíveis o aspecto cultural partilhado pelo narrador-personagem em seus múltiplos deslocamentos. É nesse caminho que podemos entender o romance de James Weldon Johnson como uma “autobiografia cultural”.

“Autobiografia cultural” é assim entendida, neste trabalho, como uma forma de escrita de construção de *self*, que opera tanto através da hibridização formal narrativa, quanto por meio da hibridização identitária. A identidade sobre a qual se escreve não é trazida como uma representação transparente de realidades exteriores, mas como uma construção apresentada através de uma performatividade de caráter transitório e contextual.

O sujeito, o narrador-personagem de *Autobiografia de um Ex-Negro*, é apresentado como uma identidade múltipla e sem síntese, diferente do posicionamento tradicional das teorias sobre autobiografia. Embora o narrador-personagem assuma-se no final do romance como um “ex-negro”, o que poderia sugerir uma síntese, a passagem a seguir mostra como ele termina seu ato autobiográfico perpassado por uma mistura de sentimentos:

It is difficult for me to analyze my feelings concerning my present position in the world. Sometimes it seems to me that I have never really been a Negro, that I have been only a privileged spectator in their inner life; at other times I feel that I have been a coward, a deserter, and I am possessed with a strange longing for my mother's people. (JOHNSON, 1995, p.99)³⁰

Ao falar “de suas vidas íntimas” e “pessoas da raça de minha mãe”, o narrador permanece preso entre dois universos, de modo que suas identificações raciais ainda continuam não resolvidas.

Seguindo na leitura do romance, como uma “autobiografia cultural”, vale destacar que o narrador-personagem pode ser caracterizado como uma identidade *insider/outsider*, o que lhe permite um diálogo (in)tenso com subjetividades distintas entre contextos culturais diferenciados. Nesse duplo caminho de estar ao mesmo tempo dentro e fora, o narrador apresenta os aspectos culturais do contexto sobre/no qual escreve, ao mesmo tempo em que é capaz de refletir criticamente sobre os diferentes focos de cultura apresentado. Assim, o assunto da autobiografia não é somente a história individual do sujeito que a escreve, como na acepção clássica de autobiografia. Incorporando sua identidade dual, o narrador escreve

³⁰ Preferi, aqui, o uso da versão original em inglês, pois, na tradução brasileira, nota-se a falta de um trecho do romance. Na versão brasileira, lê-se: “É difícil para mim, analisar meus sentimentos em relação a esse meu novo lugar no mundo. [Às vezes sinto como se eu nunca realmente tivesse sido um negro, como se eu tivesse sido apenas um espectador de suas vidas íntimas.]. Sinto que, em outros tempos, fui um covarde, um desertor, e sou possuído por vezes, por uma estranha saudade das pessoas da raça de minha mãe.” (JOHNSON, 2010, p.178, *inserção de tradução minha*).

sobre o seu trânsito em diferentes contextos culturais, através do qual constrói sua identidade, ao mesmo tempo em que pensa criticamente sobre o coletivo.

Considerações finais

É dia 14 de abril de 2014, estou no metro em Nova Iorque em direção ao “uptown” da cidade, mais especificamente em direção ao Harlem. Carrego comigo uma mochila, uma máquina fotográfica e um amigo, que decidiu me acompanhar nessa jornada, em busca de informações sobre o livro *The Autobiography of an Ex-Colored Man* e seu autor James Weldon Johnson.

Preparei essa visita como um antropólogo prepara sua excursão pelo interior de uma comunidade que vai estudar e sobre a qual vai escrever.

Naquela altura o desenvolvimento da minha dissertação já se encontrava pré-definido, uma vez que estava cursando o Seminário de Formulação de Projetos: quero ler o ato autobiográfico de James Weldon Johnson e o caráter performático identitário do narrador-personagem do romance. Estou a caminho do Harlem, quero observar a nova configuração do local, ter a mínima noção do que esse bairro representa historicamente para o debate racial norte-americano. Sou branco, estrangeiro, falo outra língua. Tenho em minha cabeça uma série de questionamentos, dos quais sobressalta uma pergunta ouvida durante uma defesa de dissertação no ano anterior: “que lugar ocupo na relação com o ‘objeto’ de análise? qual é o meu lugar de fala?”. Isso me amedronta, por todas as minhas particularidades identitárias explicitadas anteriormente.

Saio do metrô, um dos lugares escolhidos para a visita é o Studio Museum Harlem. No caminho até lá, vamos por uma avenida larga, ladeada por grandes lojas de roupas e de sapatos. Lojas que também ocupam as ruas do lado *mainstream* da cidade. A única particularidade que noto está na cor dos manequins de exposição dos artigos da loja, todos são negros. Trata-se de uma afirmação da identidade coletiva, estou convicto. Aos meus olhos, o bairro não apresenta perigos para um “turista-antropólogo” que apenas realiza uma visita de pesquisa.

Chego ao museu. Trata-se um espaço de exposição de obras de arte feitas por negros. Não há caráter histórico ou pedagógico no museu, as obras estão ali por sua força e representação estética. Ao fim da visita, dirijo-me à loja de souvenirs. Terei a oportunidade de perguntar sobre James Weldon Johnson e seu romance.

Pergunto à atendente se ela sabe de algum lugar onde posso encontrar informações sobre Johnson e sua *Autobiografia de um Ex-Negro*. Ela, surpresa, pergunta-me porque tenho interesse em saber sobre James Weldon Johnson. Explico-lhe que sou um estudante de mestrado em Literatura no Brasil e conto sobre o teor da minha pesquisa. Ela se interessa, diz que não pode me ajudar muito sobre Johnson, mas me sugere uma série de outros livros sobre escritores negros-americanos, que acabo comprando. Volto do Harlem sem ter atingido o objetivo que me propunha, mas certo de que o novo material poderá render bons frutos.

Quando cruzava de metrô do “uptown”, onde se localiza o Harlem, para o “downtown”, onde estava hospedado, ainda não tinha a percepção de algo que eu só aprenderia com a leitura dos livros sugeridos pela atendente da loja de souvenirs. Diferente do avanço sobre a discussão da segregação racial, observado literariamente, tanto em *Autobiografia de um Ex-Negro*, quanto nos novos livros adquiridos³¹, a cidade de Nova Iorque ainda parece “escrever” geograficamente a segregação (algo que eu supunha superado).

Sobre esse aspecto intensifiquei meu olhar em torno do debate sobre identidade racial. Neste sentido, esta dissertação tentou participar dessa mudança, falando com o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* e contribuindo com a discussão proposta, oferecendo uma leitura alternativa que tem a preocupação teórico e também política de não repetir dicotomias.

Este talvez seja o momento mais difícil da escrita desta dissertação. “Terminar” um trabalho sobre o qual me empenhei e lutei nos últimos dois anos, não é de aceitação fácil, mas devido às exigências de um trabalho para os fins a que

³¹ Vale lembrar que também no cinema tal debate tem sido tomado como importante ponto de discussão. O filme vencedor do Oscar de 2014 *12 Years a slave [12 anos de escravidão]* e o indicado ao Oscar de melhor filme em 2015 *Selma* provocam uma reflexão histórica sobre os dispositivos da segregação.

se destina, não há escapatória. É por essa razão, que prefiro apresentar o que aqui exponho como considerações finais: finais para a reflexão que aqui busquei empreender e que poderão ser o início de outras, em meu caminho acadêmico.

Ao refletir sobre o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* evidenciei seu estatuto performático de identidade e o que chamei nesta pesquisa de “autobiografia cultural”. Foi possível notar que a reclassificação genérica do romance, após suas novas publicações é, de certo modo, análogo à recategorização racial do narrador-personagem durante o curso de sua narrativa de vida. Em outras palavras, a flexibilidade do narrador sobre quem ele é e sobre a que comunidade ele pertence, é paralela à variação da identidade genérica do texto e ao lugar onde a obra se encaixa, em termos de publicação e de marketing. Como elucidei no decorrer da dissertação, assim como o narrador-personagem do romance transita entre os universos negro e branco, o texto está também situado em um entre-lugar: situa-se entre os polos que o identificam como verdade e ficção, autobiografia e romance. Há um duplo caráter camaleônico em *Autobiografia de um Ex-Negro*: o da camada genérica, e o da camada identitária. Nesta perspectiva, diante dessas duas complexidades, sugeri o conceito alternativo “autobiografia cultural”, como tentativa de superar o gesto redutivo que envolve a classificação do texto de Johnson, tanto como autobiografia, quanto romance.

No caminho que percorri, demonstrei como, ao propor um novo e diferenciado pacto de leitura, o qual se desprende do constrangimento da fidedignidade da autobiografia, o ato autobiográfico de Johnson pode ser tomado como uma implícita teorização, sobre a multiplicidade de possibilidades de escritas de construção de *selves*. A aproximação do romance com conceitos flexíveis de escritas de construção de *selves*, no primeiro capítulo, permitiu um deslocamento que amplia o debate sobre o gênero autobiográfico.

Procurei evidenciar também que, a performance identitária apresentada, pelo narrador personagem, além de nos incitar a abrir uma reflexão crítica sobre a própria categoria identidade – ao encará-la como um aspecto socialmente construído –, nos permite também pensar o ato autobiográfico de Johnson como espaço crucial para as discussões político-culturais. Sabemos que ao jogar com sua “dupla personalidade” (JOHNSON, 2010, p. 22) o narrador percorre tanto o universo dos negros, quanto o dos brancos: no Sul dos Estados Unidos ele se aproxima dos personagens negros, participando das dinâmicas e sofrendo com as

questões enfrentadas por eles, a ponto de declarar sentir vergonha ao ver um negro sendo queimado vivo, “vergonha por ser identificado com um povo que podia ser tratado, impunemente, pior que animais” (JOHNSON, 2010, p. 162). No Norte do país e na sua passagem de vida além-América (momento em que ele vive na Europa) ele se “deixa passar” por branco, encenando e vivendo o que esse mundo lhe possibilita. Tal olhar sob o romance permitiu-nos dialogar com Hall (2014) ao propor que raça é um conceito discursivamente construído.

Longe de parar aqui, o desenvolvimento deste trabalho mostrou que há ainda uma série de perguntas a serem feitas, tanto sobre a questão do autobiográfico, quanto sobre a questão da identidade. Perguntas que me levaram a escrever um projeto de doutoramento que reflita sobre as práticas de profanações autobiográficas, em um contexto de *arte e escrita expandidas*.

Por ora, o processo desta pesquisa está feito. Não há nesta dissertação a tentativa de uma imposição verdadeira em relação ao debate crítico sobre o autobiográfico, nem sobre a categoria identidade. Como evidenciei desde o título da dissertação, o que busquei trazer com o desenvolvimento dessa pesquisa foi uma alternativa de leitura do romance *Autobiografia de um Ex-Negro*. Talvez tenha encontrado nessa proposta uma resposta à pergunta que me amedrontava em abril de 2014. Falo sobre e com o romance *Autobiografia de um Ex-Negro* de James Weldon Johnson. Falo sobre e com uma identidade racial que não é a minha própria, mas que ampliou o meu olhar sobre a complexidade que envolve tal termo.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. “O que é contemporâneo?”. In: _____. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009., pp 55-73.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico** – Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. “Antibiografias? Novas experiências nos limites”. In: SOUZA, E. M. De; TOLENTINO, E. C. & MARTINS, A.B. **O futuro do presente: Arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, pp.13-27.

BERGER, P. L. “Alternação e biografia ou: como adquirir um passado pré-fabricado”. In: _____. **Perspectivas sociológicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983, pp.65-77.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOLLINGER, H. **A Chorus of Witnesses: The Hybrid Genre of Testimonial Literature**. Doctor These. New York: University of Rochester, 2010.

CANDIDO, A. “Poesia e ficção na autobiografia”. In: _____. **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, pp. 51-69.

CLIFFORD, J. “Introduction. Partial Truths”. In: _____ & MARCUS, George E. (eds.). **Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley, Los Angeles, London: California Up, 1986, pp.1-26.

CUNHA, E. L. “A emergência da cultura e da crítica cultural”. In: **Cadernos de estudos culturais**. v.1, n.1, set.2009, pp. 71-82.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DERRIDA, J. “The Law of Genre”. In: _____. **On Narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1981, pp.51-78.

DOUBROVSKI, S. **Fils**. Paris: Gallimard, coll. Folio, 2001.

DOUGLASS, F. **Narrative of the Life of Frederick Douglass**. New York: Dover Publications, Inc., 1995.

DRIESSEN, H. “Lives Writ Large: Kabyle Self-Portraits and the Question of Identity”. In: REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 107-122.

ELLISON, R. **Invisible Man**. New York: Random House, Inc., 1995.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes: 2007.

_____. **Nietzsche, Freud e Marx – Teatro Filosófico**. São Paulo: Princípio, 1997.

_____. **O que é um autor?** Tradução de Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. s.l: Passagens, 1992.

GALLE, H. P. E. “Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica”. In: **Matraga** (Rio de Janeiro), v.18, 2006, pp. 64-91.

GENETTE, G. “Introduction to the Paratext”. In: _____ & MACLEAN, M. **New Literary History**. v. 22, n. 2. The Johns Hopkins University Press, 1991, pp. 261-272.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Raça, o significante flutuante**. Disponível em: <http://revistazcultural.paac.ufrj.br/raca-o-significantes-flutuante%ef%80%aa/>
Acesso em 23 de mar. 2015.

JAFFE, A. “Narrating the ‘I’ versus Narrating the ‘Isle’: Life Histories and the Problem of Representation on Corsica.” In: REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 145-168.

JOHNSON, J. W. **The Autobiography of an Ex-Colored Man**. La Vergne: Lightning Source, Inc., 2004.

_____. **Autobiografia de um Ex-Negro**. Tradução Robertson Frizero. Porto Alegre: Inverson, 2010.

_____. **Along this way: The Autobiography of James Weldon Johnson**. New York: Penguin Classics, 2008.

KIDECKEL, D. A. “Autoethnography as Political Resistance: a Case from Socialist Romania”. In: REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 47-70.

KLINGER, D. I. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: Letras, 2007.

LAING, R. D. “Identidade complementar”. In: _____. **O eu e os outros**. Petrópolis: Vozes, 1986, pp.77-78.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

OLINTO, H. K. “Pequenos ego-escritos intelectuais”. In: **Palavra**, 10, 2003, pp. 24-44.

_____. “Arte Autoetnográfica”. In: VERSIANI, D. B. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005, pp. 13-14.

REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the culture**. Oxford, New York: Berg, 1997.

_____. “Leaving Home: Schooling Stories and the Ethnography of Autoethnography in Rural France”. In: REED-DANAHAY, Deborah (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 123-144.

ROSA, J. G. “A terceira margem do rio”. In: _____. **Primeiras histórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ROUSSEAU, J. J. **Confissões**. São Paulo: Edipro, 2008.

SANTIAGO, S. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: _____. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. “Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte)”. In: _____. **O Cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, pp. 134-155.

SCHØLLHAMER, K. E. “Performance e Literatura: perspectivas e contradições”. In: OLINTO, H. K & SCHØLLHAMER, K. E (orgs.). **Literatura e criatividade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, pp. 83-101.

SILVA, T. T. da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: _____. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004, pp.73-102.

SVENSSON, B. "The Power of Biography: Criminal Policy, Prison Life, and the Formation of Criminal Identities in the Swedish Welfare State". In: REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the social**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 71-106.

TORO, A. de. "La 'nouvelle autobiographie' postmoderne ou l'impossibilité d'une histoire à la première personne: Robbe-Grillet *Le miroir qui revient* et de Doubrovsky *Livre brisé*". In: _____ & GRONEMANN, Claudia (Eds.). **Autobiographie revisited: Theorie und Praxis neuer autobiographischer Diskurse in der französischen, spanischen und lateinamerikanischen Literatur**. Hildesheim, Zürich, New York: George Olms Verlag, 2004, pp. 79-113.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

WARREN, K. B. "Narrating Cultural Resurgence: Genre and Self-Representation for Pan-Mayan Writers". In: REED-DANAHAY, D. (ed.). **Auto/Etnography. Rewriting the self and the culture**. Oxford, New York: Berg, 1997, pp. 21-46.

WASHINGTON, B. T. **Up from Slavery**. New York: Dover Publications, Inc., 1995.

WATSON, J. "Toward an anti-metaphysics of autobiography". In: FOLKENFLIK, Robert (ed.). **The culture of autobiography. Constructions of self-representation**. Stanford, California: Stanford UP, 1993, pp. 57-79.